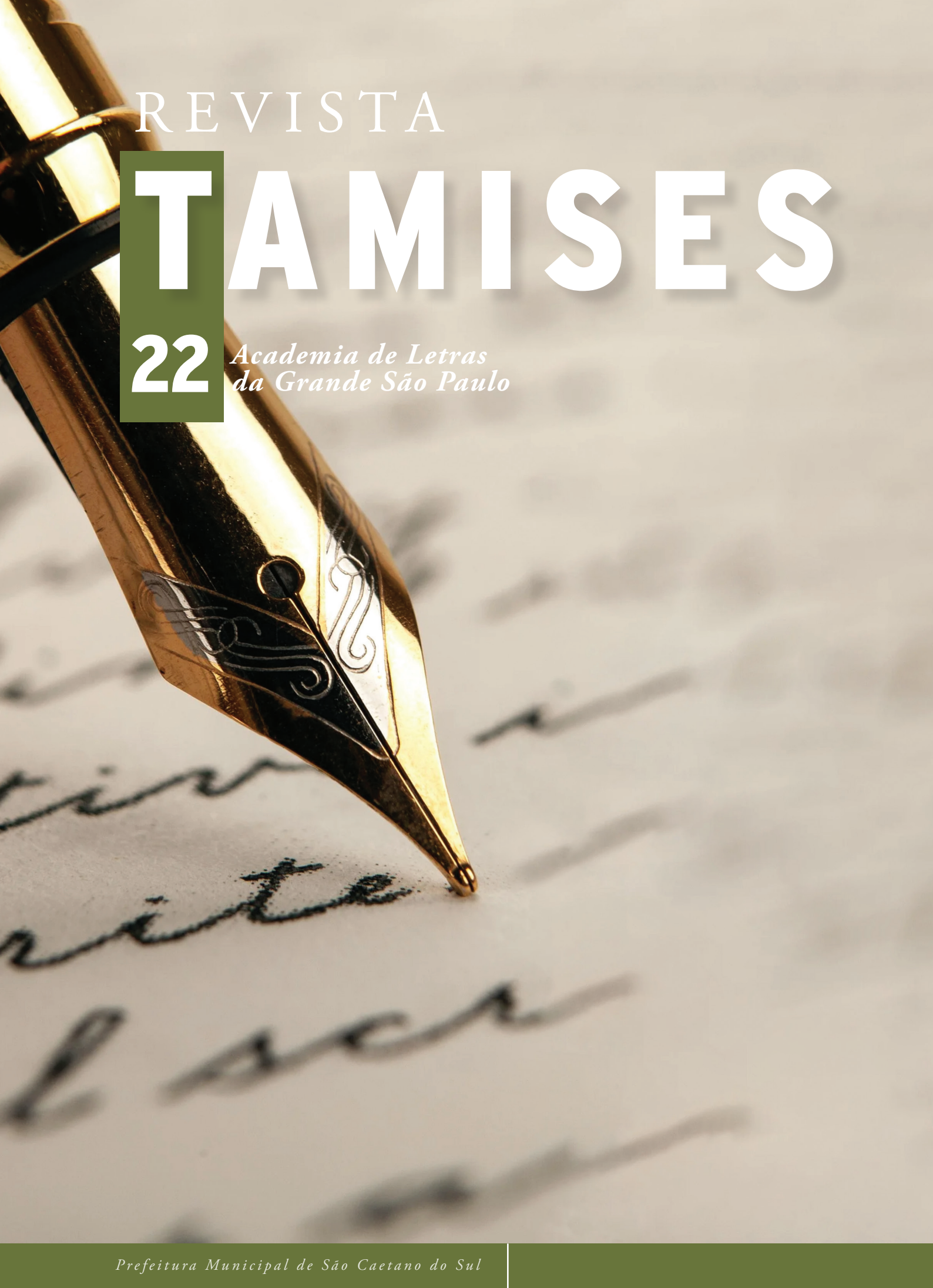




REVISTA

TAMISES

22

*Academia de Letras
da Grande São Paulo*

A close-up, high-angle photograph of a fountain pen's nib and barrel, positioned diagonally from the top left towards the center. The pen is dark, possibly black or dark grey, with some metallic details. The background is a soft, out-of-focus image of cursive handwriting in dark ink on a light-colored surface. A large, solid black L-shaped graphic element is positioned on the right side of the cover, partially overlapping the white text area.

TAMISES

VOLUME XXII - 2024

REVISTA
DA ACADEMIA
DE LETRAS
DA GRANDE
SÃO PAULO

*PRO BONO
ET BELLO*



Coordenação Geral

Maria Zulema Cebrian

Revisão

Maria Zulema Cebrian

Paula Fiorotti

Secretaria e Coordenação

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração

Maria Zulema Cebrian

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Capista

Roberta Giotto

Impressão

Alphagraphics Bela Vista

Copyright@2024 – da Algrasp

*Permitida a reprodução de textos originais,
mesmo parciais, e por qualquer processo,
com autorização da Algrasp*

*Os conceitos emitidos pelos articulistas
e/ou manifestantes são de inteira
responsabilidade de seus autores.*



Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CEP: 09521-520
São Caetano do Sul – SP
Tel.
(11) 4221-1643
(11) 93905-4112

www.algrasp.com.br
academiadeletrasp@gmail.com

*Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil*

DIRETORIA

Presidente de Honra

José Auricchio Júnior

Presidente

Maria Zulema Cebrian

Vice-Presidente

José Roberto Espíndola Xavier

Secretário

André Aparecido Bezerra Chaves

Tesoureiro

Sebastião G. Ferreira Gomes

Coordenação da Biblioteca

Maria do Céu Formiga de Oliveira

Conselho Fiscal

Humberto Domingos Pastore

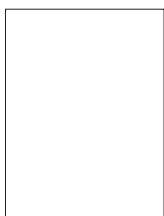
José Bueno Lima

Alcidéa Miguel



CADEIRA
01

Patrono:
Gustavo Teixeira
Acadêmico:
**SEBASTIÃO GERALDO
FERREIRA GOMES**



CADEIRA
02

Patrono:
Olavo Bilac
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
03

Patrono:
Guilherme de Almeida
Acadêmico:
**MARIA ZULEMA
CEBRIAN**



CADEIRA
04

Patrono:
Rui Barbosa
Acadêmico:
**AGNALDO L.
SACRAMENTO**



CADEIRA
05

Patrono:
Lima Barreto
Acadêmico:
MILTON BIGUCCI



CADEIRA
06

Patrono:
Machado de Assis
Acadêmico:
**ANDRÉ APARECIDO
BEZERRA CHAVES**



CADEIRA
07

Patrono:
Raul de Leoni
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
08

Patrono:
Monteiro Lobato
Acadêmico:
**MÁRIO PORFÍRIO
RODRIGUES**



CADEIRA
09

Patrono:
Rinaldo Gissoni
Acadêmico:
ANA MARIA STOPPA



CADEIRA
10

Patrono:
José de Anchieta
Acadêmico:
**PADRE JORDÉLIO
SILES LEDO**



CADEIRA
11

Patrono:
Rocha Pombo
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
12

Patrono:
Herculano Pires
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
13

Patrono:
Alberto Torres
Acadêmico:
VAGA



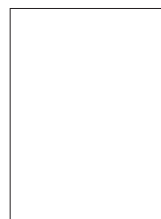
CADEIRA
14

Patrono:
Álvares de Azevedo
Acadêmico:
JOSÉ BUENO LIMA



CADEIRA
15

Patrono:
Martins Fontes
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
16

Patrono:
Euclides da Cunha
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
17

Patrono:
José de Alencar
Acadêmico:
JOSÉ CARLOS DONADÁO



CADEIRA
18

Patrono:
Judas Isgorogota
Acadêmico:
GUARACIABA GISSONI



CADEIRA
19

Patrono:
D. Aquino Corrêa
Acadêmico:
**HUMBERTO DOMINGOS
PASTORE**



CADEIRA
20

Patrono:
Mário de Andrade
Acadêmico:
**SÉRGIO AUGUSTO
ALONSO BALLAMINUT**



CADEIRA
21

Patrono:
José Lins do Rego
Acadêmico:
**GONÇALO SILVA
JÚNIOR**



CADEIRA
22

Patrono:
Castro Alves
Acadêmico:
JOSÉ JÚLIO FERNANDES



CADEIRA
23

Patrono:
Tristão de Athayde
Acadêmico:
**HILDEBRANDO
PAFUNDI**



CADEIRA
24

Patrono:
Alberto de Oliveira
Acadêmico:
**JOSÉ ROBERTO E.
XAVIER**



CADEIRA
25

Patrono:
Vinicius de Moraes
Acadêmico:
**ALCIDÉA MIGUEL
DE SOUZA**



CADEIRA
26

Patrono:
Cecília Meireles
Acadêmico:
EVA BUENO MARQUES



CADEIRA
27

Patrono:
Jorge Andrade
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
28

Patrono:
**Catulo da Paixão
Cearense**
Acadêmico:
JOÃO BOSCO DOS SANTOS



CADEIRA
29

Patrono:
Humberto de Campos
Acadêmico:
ROBERTO DE CARVALHO



CADEIRA
30

Patrono:
Augusto dos Anjos
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
31

Patrono:
Gonçalves Dias
Acadêmico:
MARIAH MORAIS



CADEIRA
32

Patrono:
Manuel Bandeira
Acadêmico:
**CLAUDIO ROGÉRIO
BRACO**



CADEIRA
33

Patrono:
Amadeu Amaral
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
34

Patrono:
**Carlos Drummond de
Andrade**
Acadêmico:
DANIEL BELUCCI CONTRO



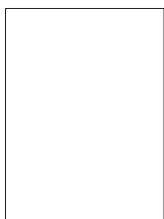
CADEIRA
35

Patrono:
Plínio Salgado
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
36

Patrono:
Cora Coralina
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
37

Patrono:
Afonso Schmidt
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
39

Patrono:
Casimiro de Abreu
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
38

Patrono:
Mario Quintana
Acadêmico:
**MARIA DO CÉU
FORMIGA DE OLIVEIRA**



CADEIRA
40

Patrono:
Guimarães Rosa
Acadêmico:
VAGA

SÓCIOS- CORRESPONDENTES



**ANA
CRISTINA
SILVA ABREU**
Praga
(República
Tcheca)



**ANA LUIZA
ALMEIDA
FERRO**
São Luís
(Maranhão)



**FLÁVIO
FERREIRA DE
MELO**
Siqueira
Campos
(Paraná)



**GIOVANNI
MONOPOLI**
Taranto (Itália)



**TERESA
GENTILE**
Taranto (Itália)



**VALDÍVIA
BEAUCHAMP**
Nova York e
Portugal



17

Apresentação

19

**Profissão de Fé
Acadêmica**

21

**Intercâmbio
Revista
Tamises 21**

23 Textos

24

Maria Zulema Cebrian
O BARROCO

32

Sérgio Ballaminut
POÉTICA DO MEDO OU
O MEDO E O MEDO DA MORTE

39

Ana Cristina Silva Abreu
A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A
HOMOGENEIZAÇÃO DA ESCRITA

45

José Roberto Espíndola Xavier
NÃO SOU UM ROBÔ!
(NEM ESTE TEXTO É FRUTO DE UM CHATGPT)

48

Eva Bueno Marques
CECÍLIA MEIRELES E GABRIELA MISTRAL -
AMIGAS POETAS EM PROL DA EDUCAÇÃO

59

Alcidéa Miguel
A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA
DE COMBATE AO BULLYING

62

André Chaves
CÍRCULO DO LIVRO – UMA EXPERIÊNCIA
INUSITADA NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

- 70** *Maria do Céu Formiga*
O MUNDO DOS AFETOS
E ALGUMAS ESTRANHEZAS
- 75** *Guaraciaba Gissoni*
MAESTRO-MAESTRINA - UM CAMINHO A
PERCORRER
- 80** *Valdívia Beauchamp*
RELEMBRANDO OS BONS ANOS QUANDO
CONFEDERADOS AMERICANOS
ERAM ACOLHIDOS PELO IMPÉRIO BRASILEIRO
- 83** *Milton Bigucci*
CAMISA 10
- 85** *Humberto Pastore*
ITANHAÉM: A CIDADE QUE CANTA OU QUE
CHORA?
- 89** *Tereza Gentile*
ANNA, A TECELÃ, E OUTRAS MULHERES
“FORMIGUINHAS” DE MARTINA FRANCA
- 97** *Flávio Mello*
O DOM QUIXOTE QUE EU QUERIA TER SIDO
UMA BREVE INTRODUÇÃO – PARTE I
- 100** *José Bueno Lima*
O TÚNEL DO TEMPO
- 102** *Hildebrando Pafundi*
CALÇADÃO DA RUA CORONEL OLIVEIRA LIMA

105 Poesia

106 *Ana Stoppa*
PALAVRAS

108 *Sebastião Geraldo Ferreira Gomes*
CANTEIRO DE SEDUÇÃO
O TEMPO NÃO PERDOA
QUATRO CAVALOS, CASTIGO DAS NAÇÕES
A SOBREVIDA
FLORES PELO CHÃO

113 *Giovanni Monopoli*
UM PEDAÇO DE PAZ

115 In Memoriam

116 *Rinaldo Gissoni*
AS ESTAÇÕES
RETROSPECTO
QUANDO ABRAÇAR-TE
TERNURA

118 *Gioconda Labecca*
HAICAIS



Apresentação

**Maria
Zulema
Cebrian**

Presidente da
Academia de
Letras da Grande
São Paulo

A

cademia de Letras da Grande São Paulo, uma vez mais nos brinda com a edição da Revista *Tamises* 22, um espaço dedicado a celebração da cultura em todas as suas manifestações.

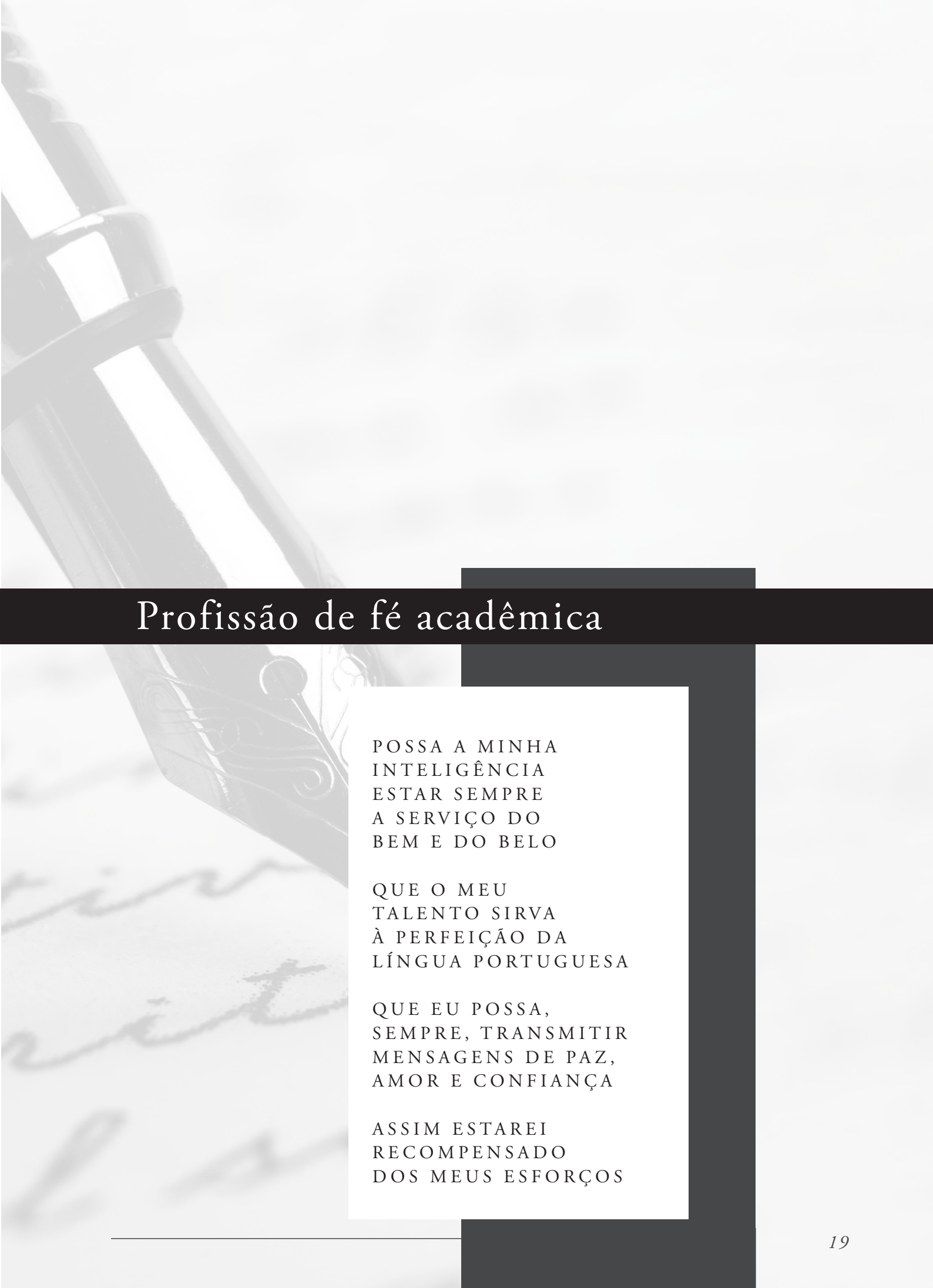
Nossa revista nasceu com o propósito de oferecer um panorama abrangente e crítico sobre os fenômenos culturais em todas as suas áreas que moldam nossa sociedade.

A *Tamises* 22 tornou-se ponto de encontro para confrades e confradeiras criadores e entusiastas da literatura e da cultura em sua abrangência. Em cada edição, a criação criteriosa de artigos, ensaios, entrevistas e reportagens que abordam temas relevantes e atuais, escritos pelos escritores deste Sodalício. Nossa missão é proporcionar um conteúdo que informe, provoque reflexões e inspire nossos leitores.

Acreditamos que a cultura é o coração pulsante de qualquer sociedade, refletindo suas aspirações, desafios e transformações. Por isso, nos comprometemos a trazer à luz vozes diversas e perspectivas inovadoras, promovendo um diálogo enriquecedor e estimulante. Queremos ser uma fonte de conhecimento e um catalisador para a troca de ideias, contribuindo para um entendimento mais profundo e abrangente do mundo ao nosso redor.

Convidamos a todos para que se juntem a nós nesta jornada cultural. Permita-se ser transportado pelas narrativas, surpreender-se com as descobertas e enriquecer-se com as reflexões que a *Tamises* 22 oferece.

Que cada edição seja uma porta de entrada para novas experiências e uma celebração da riqueza cultural que nos cerca. **I**



Profissão de fé acadêmica

POSSA A MINHA
INTELIGÊNCIA
ESTAR SEMPRE
A SERVIÇO DO
BEM E DO BELO

QUE O MEU
TALENTO SIRVA
À PERFEIÇÃO DA
LÍNGUA PORTUGUESA

QUE EU POSSA,
SEMPRE, TRANSMITIR
MENSAGENS DE PAZ,
AMOR E CONFIANÇA

ASSIM ESTAREI
RECOMPENSADO
DOS MEUS ESFORÇOS

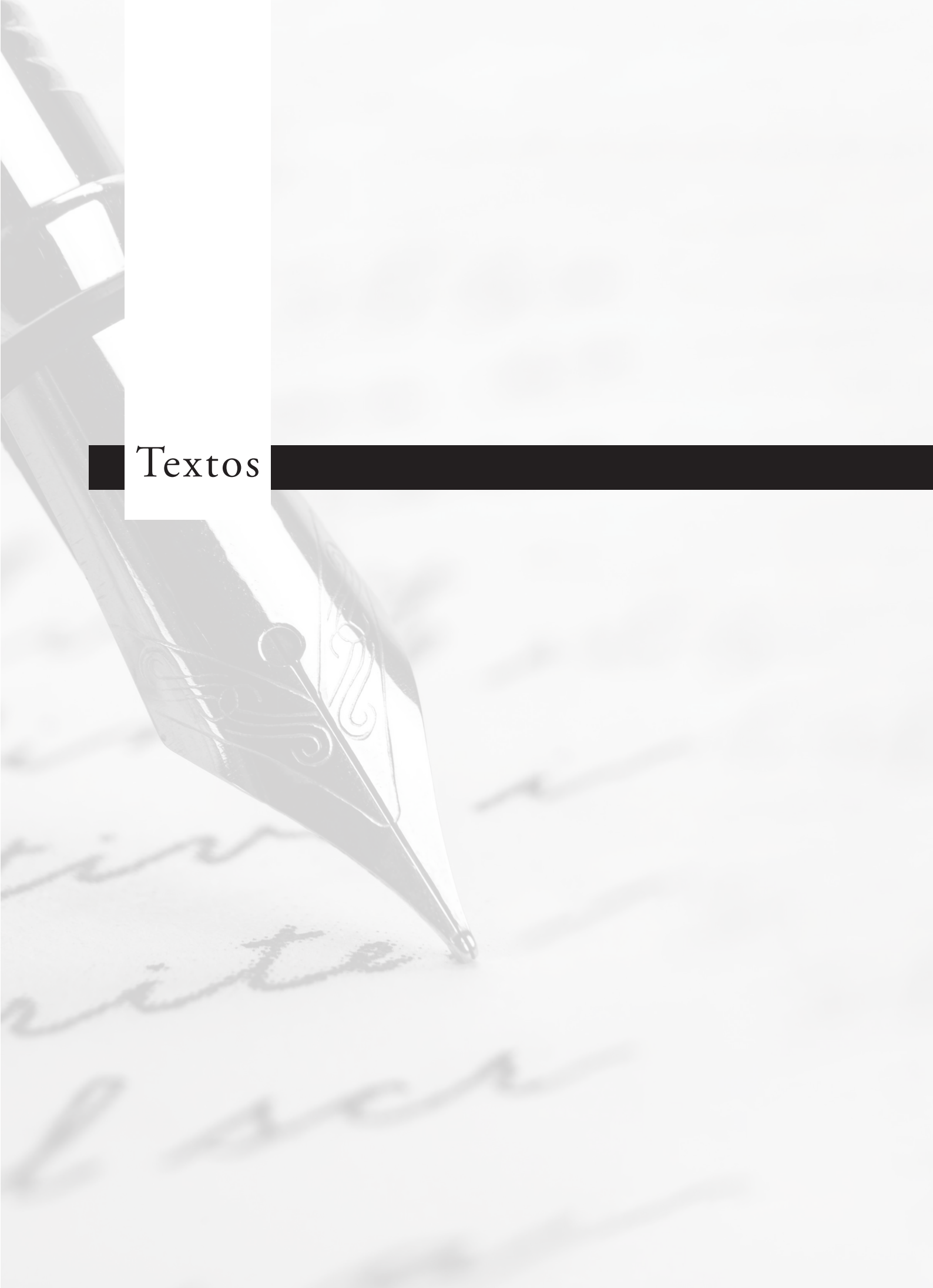
No ano de 2024 a **ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO**, mediante intercâmbio cultural, divulgou sua revista ***Tamises 21*** com as Academias de Letras do Brasil, jornais, jornalistas, entidades de classe e visitantes.

Academias

Academia de Letras do Norte Pioneiro (PR)
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ)
Academia Paulista de Letras, São Paulo (SP)
Academia de Letras da Bahia, Salvador (BA)
Academia Paranaense de Letras, Curitiba (PR)
Academia de Letras do Vale do Iguaçu, União da Vitória (PR)
Academia de Letras de Rondônia, Porto Velho (RO)
Academia Bras.Educ. Cult.Ltda., Rio de Janeiro (RJ)
Academia Amazonense Letras, Manaus (AM)
Academia Cachoeirense de Letras, Cachoeira de Itapemirim (ES)
Academia Carioca de Letras, Rio de Janeiro (RJ)
Academia Cearense de Letras, Fortaleza (CE)
Academia das Letras do Noroeste de Minas, Paracatu (MG)
Academia de Ciências e Letras de Conselho Lafaiete (MG)
Academia de Ciências e Letras de Maricá, Marica (RJ)
Academia Guanabarina de Letras, Rio de Janeiro (RJ)
Academia de Letras Ciências e Artes de Manaus, Manaus (AM)
Academia de Letras e Artes do Planalto, Luziânia (GO)
Academia Caxiense de Letras, Caxias (MA)
Academia de Letras do Brasil Mariana, Mariana (MG)
Academia Poços Caldense de Letras, Poços de Caldas (MG)

Academia Pouso-Alegrense de Letras, Pouso Alegre (MG)
Ateneu Angrenense de Letras e Artes, Angra dos Reis (RJ)
Academia Fluminense de Letras, Rio de Janeiro (RJ)
Academia Santo-Angelense de Letras, Santo Ângelo (RS)
Academia Feminina Mineira de Letras (MG)
Associação Cultural Raul Pompeia (RJ) **I**

Nota: Recebemos de todas as Academias agradecimentos,
revistas, jornais, e livros.

A close-up, high-angle photograph of a fountain pen's nib writing on a piece of paper. The pen is dark with silver-colored accents and a decorative scroll design on the nib. The ink is a dark color, and the writing is in a cursive script. The background is a light, textured surface, possibly a desk or a book cover. The overall tone is professional and artistic.

Textos

O BARROCO

O

barroco, movimento artístico e cultural que floresceu na Europa entre os séculos XVI e XVIII, deixou uma marca indelével na literatura mundial. Caracterizado pelo contraste, pela exuberância de formas e pelo uso expressivo de metáforas e antíteses, o barroco literário emergiu como uma reação à simplicidade e ao equilíbrio do renascimento. Enquanto um valorizava a harmonia, a clareza e o equilíbrio, o outro se caracterizou pelo contraste, pela complexidade e pelo dramatismo.

Esse movimento surgiu no ambiente das tensões religiosas da Reforma Protestante e da Contrarreforma Católica, refletindo as contradições e os conflitos da época. No contexto de intensas transformações sociais, políticas e religiosas, os escritores barrocos exploraram temas complexos, como a dualidade da existência humana, a efemeridade da vida e a busca incessante pela transcendência.

Na literatura barroca, a linguagem assume um papel central, sendo empregada de maneira ornamental e, muitas vezes, labiríntica, refletindo as tensões e os paradoxos da época. Poetas como o espanhol Luis de Góngora e o brasileiro Gregório de Matos são exemplos de autores que, por meio de seus versos rebuscados e imagens vívidas, capturaram a essência do espírito barroco. Em suas obras, a intersecção entre o sacro e o profano, o belo e o grotesco, cria um universo literário repleto de profundidade e contradições.

O estudo do barroco literário revela não apenas a riqueza estilística e temática dessa corrente, mas também proporciona um entendimento mais amplo das preocupações existenciais e das inquietações do ser humano em um período de grandes mudanças. Através da análise das obras barrocas, é possível vislumbrar a complexidade da alma humana e a eterna luta entre a luz e a sombra, o céu e a terra, que permeia a condição humana. Fora da literatura, o barroco no Brasil só atingiria seu ponto máximo na segunda metade

do século XVIII. Nesse período, durante o ciclo do ouro nas Minas Gerais, a arquitetura, a escultura e a vida musical desenvolveram-se a ponto de constituir um barroco “mineiro”, cujos exemplos mais significativos estão na obra do escultor Aleijadinho, do pintor Manuel da Costa Ataíde e do compositor Lobo de Mesquita.

O traço principal do estilo barroco é a tensão entre espírito e matéria, céu e terra, razão e emotividade, contenção e derramamento, cientificismo e religiosidade. Na Europa, essas características refletem o conflito de ideias colocado pelo progresso científico impulsionado no renascimento, tendo a Reforma Protestante, de um lado, e a reação contrarreformista da Igreja Católica, de outro.

Uma vez que as artes apresentam grande diversidade durante o período de vigência do barroco, seus traços comuns têm de ser investigados em meio às tendências intelectuais e culturais da época. Entre as grandes influenciadoras, de modo significativo, destacam-se a consolidação das monarquias absolutas na Europa, a ampliação dos horizontes intelectuais decorrente das novas descobertas da Ciência e a Contrarreforma, um módulo importante para o processo, porque fez da arte um meio de propaganda do ideal católico, ameaçado pela Reforma Protestante na época.

Nesse lugar, se encontram, de forma explícita, os afrescos nas igrejas, para falar diretamente ao observador e converter o infiel, apelando aos sentidos e enfatizando os meios expressivos. Não há como pensar na pujança arquitetônica de palácios como o de Versalhes, na França, dissociada do poder real de afirmar sua monumentalidade. Assim como Copérnico, que tirava a Terra do centro do universo, os pilares da fé religiosa são ameaçados. A tensão entre divino e profano deriva daí, Deus e homem, terra e céu presente em grande parte das manifestações artísticas consideradas barrocas.

O termo barroco provavelmente deriva da palavra italiana *barroco*, usada por filósofos da idade média para descrever um obstáculo ao raciocínio lógico. Em seguida, a palavra passou a designar qualquer tipo de ideia obscura ou processo tortuoso de pensamento. Outra origem possível está na palavra portuguesa *barroco*, que se refere a um tipo de pérola de formato irregular.¹

Na crítica de arte, começou a ser usado na descrição de qualquer objeto irregular, bizarro, ou que fugisse das normas de proporção estabelecidas, e perdurou até o fim do século XIX, época em que o termo ainda carregava a conotação de estranheza, grotesco, exagero e excesso de ornamentação. Foi só a partir do estudo pioneiro do historiador de arte Heinrich Wölfflin, em *Renascimento e Barroco* (1888), que o barroco se tornou uma designação estilística e teve suas características sistematizadas.

No Brasil, a emergência do barroco coincide com os ciclos de ocupação e exploração intensa e regular das possibilidades econômicas do Brasil-Colônia, que fizeram surgir núcleos urbanos de grande importância econômica e cultural, como na Bahia e em Pernambuco. A partir da segunda metade do século XVI, consolidava-se, nessa circunstância, uma economia baseada na monocultura e na escravidão negra. Começavam a surgir as Academias e associações literárias inspiradas nos modelos portugueses, representando o primeiro sinal articulado de preocupação cultural no país.

As invasões estrangeiras que ocorreram nos séculos XVI e XVII, com destaque para a holandesa (1624-1654), contribuíram para a aceleração das transformações econômicas no Nordeste e também para a formação de uma espécie de “consciência colonial”, que começava a se manifestar nos escritos seiscentistas.

As obras que distinguem o período são estilisticamente complexas, até mesmo contraditórias. Em geral, é possível dizer que o desejo de evocar estados de espírito exaltados e de apelar dramaticamente aos sentidos do observador é comum à maior parte de suas manifestações. Algumas características associadas ao barroco são grandeza, sensualidade, dramaticidade, movimento, vitalidade, tensão e exuberância emocional. Todas contrapõem-se ao racionalismo contido e metódico que era próprio ao classicismo, período anterior que se confunde com o renascimento e que enfatiza o rigor e a sobriedade por meio da imitação dos autores da antiguidade grega e romana.

Alguns historiadores costumam dividir a literatura do barroco em duas tendências: o conceptismo e o ocultismo.

O primeiro, mais frequente na prosa, corresponde ao jogo de ideias, à organização da frase com uma lógica que visa à persuasão, como pode ser observado nos sermões do padre Antônio Vieira (um dos principais autores barrocos brasileiros). O segundo, característico da poesia, define-se pelo jogo de palavras com vistas ao preciosismo formal e tem como autor emblemático o espanhol Luis de Góngora, influente sobre os poetas do período a ponto de o barroco literário também ser conhecido como gongorismo, principalmente na Espanha. Outras designações frequentes para a época são seiscentismo, maneirismo e marinismo, este último em razão da obra do poeta italiano Gianbattista Marino.

De acordo com a autora, historiadora e crítica literária Luciana Stegagno Picchio, o período foi especialmente rico no Brasil porque a estética barroca se adapta facilmente a uma nação que cria sua própria fisionomia e cultura em termos de oposição e de encontro de contrários, de mestiçagem. Nesse sentido, ela argumenta que também a primeira literatura dos descobrimentos é barroca. Assim como a literatura dos jesuítas, pela concepção trágica da vida, pela temática contrarreformista e pela forma plurilíngue.

A poesia e a prosa contemporânea dos autores mencionados, no entanto, não é mais barroca. Em 1768, quando se publica o livro *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa, o estilo árcade passa a predominar na literatura. Importa ainda lembrar que, nos últimos anos, alguns dos principais estudiosos da produção literária brasileira do século XVII têm se dedicado à hipótese de que o termo Barroco não dá conta das variadas manifestações artísticas do período, e que, por isso mesmo, devem ser entendidas em sua singularidade.

Os autores mais destacados do barroco literário do Brasil são o padre Vieira e Gregório de Matos. Pregador cristão a serviço da Coroa portuguesa, Vieira passou a maior parte da vida no país. Por se apropriar de termos e elementos da cultura brasileira em seus textos, foi de fundamental importância para a constituição de uma linguagem que começava a ganhar autonomia em relação a Portugal. Seus sermões são ricos em antíteses, paradoxos, ironias, jogos de palavras, hipérboles e alegorias. Com gosto pelo tom profético e messiânico, ele levou a arte da retórica e da persuasão

ao paroxismo. Deixou uma obra vasta na qual se destacam o *Sermão da Sexagésima* e o *Sermão do Bom-Ladrão*. Outros nomes de relevo na prosa do período são Sebastião da Rocha Pita, autor da *História da América Portuguesa*, Nuno Marques Pereira, cujo *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* é considerado pioneiro na narrativa de cunho literário do país, e o frei Vicente do Salvador, autor do volume *História do Brasil* (1627).

Gregório de Matos (1636-1696) é a epítome do barroco na poesia brasileira. Os textos a ele atribuídos foram registrados a partir da tradição oral de seus contemporâneos. Religiosos, líricos e satíricos, os versos que compõem sua obra proferem uma crítica demolidora contra o clero, políticos e outros poderosos da época. Ele não publicou livros em vida, mas tornou-se bem conhecido e comentado em sua época — principalmente por causa de sua poesia satírica —, devido aos manuscritos compartilhados entre seus leitores de então. Além dessa poesia crítica, o poeta escreveu também poesias sacras (de teor religioso) e poesias lírico-filosóficas (de temáticas variadas, inclusive amorosas).

Como exemplo de sua poesia lírico-filosófica, veremos um soneto clássico, metrificado e com o uso da medida nova (dez sílabas poéticas), em que o eu lírico faz a comparação de uma mulher de nome Angélica com um anjo e uma flor, bem ao estilo cultista, com o jogo de palavras em torno do nome Angélica, que vem de anjo e também é o nome de uma flor:

Anjo no nome, Angélica na cara

Anjo no nome, Angélica na cara!

Isso é ser flor, e Anjo juntamente,

Ser Angélica flor, e Anjo florente,

Em quem, senão em vós se uniformara:

Quem vira uma tal flor, que a não cortara,

De verde pé, da rama florescente;

E quem um Anjo vira tão luzente,

Que por seu Deus o não idolatrara?
Se pois como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu custódio, e minha guarda,
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que por bela, e por galharda,
Posto que os Anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

(ortografia da época)

Pródigo em metáforas, paradoxos, inversões sintáticas e sentenças que condensam erotismo, misticismo, palavras de baixo calão e busca do sublime, Matos praticou um hedonismo linguístico capaz de condensar a matriz barroca com o estímulo localista, como se pode verificar pela leitura dos poemas *Triste Bahia* e *À Mesma D. Ângela*. Não por acaso, o poeta é considerado o primeiro autor a dar estatuto literário à figura do índio.

Bento Teixeira é tido como marco inicial do movimento no Brasil. Há poucas informações sobre a vida do autor. Até o momento, é sabido que nasceu no Porto (Portugal), em 1561, aproximadamente. Era filho de judeus convertidos ao catolicismo, um cristão-novo, portanto. Veio para o Brasil com seus pais, em 1567, e estudou em colégio jesuíta. Mais tarde, tornou-se professor em Pernambuco, mas foi acusado, pela sua esposa, de realizar práticas judaicas. Por isso (ou por ela cometer adultério), ele assassinou a mulher e refugiou-se no Mosteiro de São Bento, em Olinda, onde escreveu seu único livro. Depois foi preso, enviado a Lisboa, provavelmente em 1595, e condenado à prisão perpétua em 1599. No mesmo ano de sua condenação, recebeu liberdade condicional; mas, sem posses e doente, voltou à prisão para morrer, em julho de 1600.

Datado de 1601 e com estilo e concepção inspirados em Camões, *Prosopopeia*, escrito por Teixeira, é um poema épico que narra as aventuras da família Albuquerque. O poema é dedicado a Jorge d'Albuquerque Coelho, gover-

nador e terceiro donatário da então Capitania de Pernambuco. O autor descreve a vida e os feitos memoráveis dele e seu irmão, Duarte. A obra é reconhecida como a primeira produção poética brasileira e permanece como um marco histórico importante.

Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711) foi um advogado, político e poeta barroco brasileiro, notável por ser o primeiro autor nascido no Brasil a ter um livro publicado. Nascido em Salvador (Bahia), estudou Direito na Universidade de Coimbra (Portugal). De volta ao Brasil, exerceu advocacia, foi vereador da Câmara de Salvador e capitão-mor dos distritos de Papagaio, Rio do Peixe e Gameleira.

Sua obra mais conhecida é a coletânea de poemas *Música do Parnaso*, publicada em 1705, em Lisboa. Essa obra reúne poemas em Português, Castelhano, Italiano e Latim, além de duas comédias em espanhol: *Hay amigo para amigo e Amor, Engaños, y Celos*. O poema *À Ilha de Maré* destaca-se na coleção, louvando a terra brasileira e descrevendo com esmero a variedade de frutos e legumes, sempre lembrando a inveja que esses causariam às metrópoles europeias.

A Ilha de Maré

Jaz em oblíqua forma e prolongada
A terra de Maré toda cercada
De Netuno, que tendo o amor constante,
Lhe dá muitos abraços por amante. (...)
As plantas sempre nela reverdecem,
E nas folhas parecem,
Desterrando do inverno os desfavores,
Esmeraldas de abril em seus verdores,
E delas por adorno apetecido
faz a divina Flora seu vestido.
As frutas se produzem copiosas,
E são tão deleitosas,
Que como junto ao mar o sítio é posto,

Lhes dá salgado o mar o sal do gosto
As canas fertilmente se produzem,
E a tão breve discurso se reduzem,
Que, porque crescem muito,
Em doze meses lhe sazona o fruto.
E não quer, quando o fruto se deseja,
Que sendo velha a cana, fértil seja. (...)
(ortografia da época)

O barroco literário, portanto, é um espelho das profundas transformações sociais, religiosas e culturais da época. Suas obras continuam a ser estudadas e admiradas por sua complexidade estilística e profundidade temática, revelando as inquietações e aspirações de um mundo em constante mudança. **T**

Maria Zulema Cebrian

Cadeira 03 – Patrono Guilherme de Almeida

NOTA

¹ SEVCENKO, Nicolau. *Pindorama revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada*. Série Brasil cidadão. Editora Peirópolis, 2000, pp. 39-47.

POÉTICA DO MEDO OU O MEDO E O MEDO DA MORTE

Sérgio
Ballaminut

“Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas”.

(Congresso Internacional do Medo – Carlos Drummond de Andrade)

Como diria Antonio Candido em *Plataforma de uma geração*, “... há para todos nós um problema sério... Este problema é do medo”. Tememos. O desconhecido, o novo que se descortina ao longo do caminho diante de nossos olhos. Não à toa grandes poetas e escritores da nossa literatura abordarem o tema, com uma conotação no mais das vezes negativa, mas, eventualmente, com um olhar positivo, e até romântico.

Mas o que é o medo? Como diz Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, o medo é “um produzido dentro da gente, um depositado; e que às vezes se mexe, sacoleja, e a gente pensa que é por causas: por isto ou por aquilo, coisas que só estão é fornecendo espelhos”. Ou, como coloca em *Primeiras estórias*, a “extrema ignorância em momento muito agudo”.

Carlos Drummond de Andrade, em seu poema *O medo*, reforça a ideia de que “em verdade temos medo”. E, mais do que isso, afirma que “... fomos educados para o medo. / Cheiramos flores de medo. / Vestimos panos de medo.”. O medo que, “... com sua física, tanto produz: carcereiros, edifícios, escritores, este poema; outras vidas”, pregressas e futuras,

como forma de mitigar o medo da morte a partir da crença de que ela não existe.

Cecília Meireles, em seu *Cântico IV*, também fala do medo da morte numa visão de eternidade do espírito: “Tu tens um medo:/Acabar./Não vês que acabas todo o dia.../Que te renovas todo o dia.../Que és sempre outro./Que és sempre o mesmo./Que morrerás por idades imensas./Até não teres medo de morrer./E então serás eterno”.

Há, também, os que não veem a morte enquanto a continuação da vida em outra condição, como Ferreira Gullar, conforme se pode verificar no poema *Redundâncias*: “Ter medo da morte/é coisa dos vivos/o morto está livre/de tudo o que é vida” e “E ninguém vive a morte/quer morto quer vivo/mera noção que existe/só enquanto existo”.

Mas nem todos sentem ou têm certeza se sentirão medo na hora da morte, a exemplo de Manuel Bandeira, o qual, em seu poema *Consoada*, diz que “Quando a Indesejada das gentes chegar/(Não sei se dura ou caroável),/talvez eu tenha medo”.

Murilo Mendes, por sua vez, demonstra, em *Mapa*, uma visão mais pessimista sobre o medo: “Me colaram no tempo, me puseram uma alma viva e um corpo desconjuntado. Estou limitado ao norte pelos sentidos, ao sul pelo medo, a leste pelo apóstolo São Paulo, a oeste pela minha educação”.

Outros, como Guilherme de Almeida, em seu poema *Despertar*, falam da possibilidade do medo da morte sendo suplantado e enterrado pela compreensão de uma nova condição existencial: “Todo o meu medo/Todo o meu horror/O frio/A dor... Virando desprezo... E talvez/Nada esteja errado/E todo o mal que eu enxergo/Estava todo em mim/Enterrado”.

Há aqueles que vão além e falam do medo da morte com bom humor típico, a exemplo de Paulo Leminski em “... esse medo de não ser/tinha que ser mistério/esse meu modo de desaparecer/um poema, por exemplo,/caso alguma coisa me suceder...” (*Último aviso*) ou “... medo que a noite tem/que o dia acorde mais cedo/e seja eterno o amanhecer/azuis como os sorrisos das crianças/e pesados como os provérbios das velhas” (*Feliz coincidência*).

Mas, diferentemente de outros autores, além do medo da morte, Leminski também registra, em *Estrelas fixas*, o medo da vida: “Rimas mil girem vertigens, /sinto medos de existir”. Como Cassiano Ricardo, ao afirmar que “a vida está sempre escondida/no seu grande, seu feroz segredo. /Não é a morte que me põe medo;/é a vida.” (...) “Não é a morte que me intimida, /é a vida. /Não há nada que me desperte/maior temor do que o destino. /O que está por acontecer”.

João Cabral de Melo Neto, em *Os três mal-amados*, fala do medo da morte sendo suplantado por algo de positivo que ocorre na vida, como a chegada de um amor: “O amor comeu minha paz e minha guerra. Meu dia e minha noite. Meu inverno e meu verão. Comeu meu silêncio, minha dor de cabeça, meu medo da morte”. Adélia Prado, por sua vez, aborda o medo de o encanto do amor se quebrar: “Meu amor é assim, sem nenhum pudor.../ Tem urgência, medo de encanto quebrado, é duro como osso duro”. Em contraponto, Vinícius de Moraes retrata justamente o medo de amar: “Uma mulher me olha, em seu olhar há tanto enlevo/Tanta promessa de amor, tanto carinho para dar/Eu me ponho a soluçar por dentro, meu rosto está seco/Ai que medo de amar!”.

Mario Quintana já mostra outra face do medo em *O adolescente*; o medo “frio na barriga”, o medo que dispara a adrenalina e impulsiona o ser ao ato: “A vida é tão bela que chega a dar medo,/Não o medo que paralisa e gela,/estátua súbita,/mas/esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz/o jovem felino seguir para a frente farejando o vento/ao sair, a primeira vez, da gruta.”.

Por fim, Manoel de Barros aborda, em seu poema *IX - Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada*, o medo da lucidez, o medo de descaracterizar a própria poesia, tornando-a lúcida: “Eu sou o medo da lucidez./Choveu na palavra onde eu estava./Eu via a natureza como quem a veste./Eu me fechava com espumas”.

Como se observa, o medo da morte e seu porvir é, talvez, o mais referenciado não somente na literatura modernista, a exemplo dos autores já citados, mas, também, por representantes de outras escolas. Foi assim com poetas parnasianos que acreditavam na morte como finitude da vida, mas mudaram

sua visão, registrada em poemas póstumos psicografados pelo grande médium Francisco Cândido Xavier em *Parnaso de Além-Túmulo*, cuja primeira edição se deu em 1932.

A seguir, estabelece-se um comparativo entre a forma de en-
xergar a morte de alguns desses autores, presente em trechos de
poemas que nos deixaram em vida e escritos postumamente,
demonstrando sua evolução na compreensão da existência:

Alphonsus de Guimarães

Em vida

Tudo vem, tudo vai, do mundo é a sorte...
Só a vida, que se esvai, não mais nos vem.
Mas ai da vida, se não fora a morte!

Postumamente

Tangei harpas de esperança,
Nas lutas de vossa esfera,
Porque a Morte é a primavera
Luminosa, eterna e imensa...

Augusto dos Anjos

Em vida

Desci um dia ao tenebroso abismo,
Onde a Dúvida ergueu altar profano;
Cansado de lutar no mundo insano,
Fraco que sou, volvi ao ceticismo.

Postumamente

Descansa, agora, vibrião das ruínas.
Esquece o verme, as carnes, os estrumes.
Retempera-te em meio dos perfumes
Cantando a luz das amplidões divinas.

3

Calou-se a voz. E sufocando gritos,
Filhos do pranto que me espedaçava,
Reconheci que a vida continuava
Infinita, em eternos infinitos!

Casimiro de Abreu

Em vida

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cipreste esguio
Mostra a cova ao viandante!
A vida é triste - quem nega?
- Nem vale a pena dizê-lo.
Deus a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabelo!
Como o dia, a nossa vida
Na aurora é - toda venturas,
De tarde - doce tristeza.

Postumamente

Eu gozo de quando em quando,
Revendo essa claridade,
Da existência transcorrida
Guardada no coração;
E dos cimos desta vida,
Na excelsa Imortalidade,
Verto prantos de saudade
A luz da recordação.

Cruz e Souza

Em vida

Quando do amor das Formas inefáveis
No teu sangue apagar-se a imensa chama,

Já terás para os bátratos descido,
Nos cilícios da Morte revestido,
Pés e faces e mãos e olhos gelados...

Mas os teus Sonhos e Visões e Poemas
Pelo alto ficarão de eras supremas
Nos relevos do Sol eternizados!

Postumamente

Alma liberta, redimida e pura,
Vê a aurora depois da noite escura,
Numa visão mirífica, superna...
Penetra o mundo da imortalidade,
Entre canções de luz e liberdade,
Forçando as portas da Beleza Eterna.

Olavo Bilac

Em vida

Trevas, caí! que o dia é morto!
Morre também, sonho erradio!
A morte é o último conforto...
Que frio!

Postumamente

O Espírito imortal, depois das derrocadas,
Numa ressurreição de eternas alvoradas,
Subirá para Deus num canto de vitória.

Há, também, os que já demonstravam uma visão mais espiritualizada da vida quando ainda na Terra:

Castro Alves

Em vida

Ei-la a nau do sepulcro — o cemitério...
Que povo estranho no porão profundo!
Emigrantes sombrios que se embarcam
Para as plagas sem fim do outro mundo.

Postumamente

Há mistérios peregrinos
No mistério dos destinos
Que nos mandam renascer:
Da luz do Criador nascemos,
Múltiplas vidas vivemos,
Para à mesma luz volver.

Fagundes Varela

Em vida

Mas não! Tu dormes no infinito seio
Do Criador dos seres! Tu me falas
Na voz dos ventos, no chorar das aves,
Talvez das ondas no respiro flébil!
Tu me contemplas lá do céu, quem sabe,
No vulto solitário de uma estrela,
E são teus raios que meu estro aquecem!

Postumamente

Que representa a Terra, ante a grandeza
De tantos sóis e orbes luminosos?

É apenas um degrau na imensidade,
Onde se regenera no tormento
Quem se afasta da Luz e da verdade;

Raul de Leoni

Em vida

Esta carne em que existo há de tornar-se, um dia,
Em humus germinal, em seiva fecundante,
Decompondo-se em Pó, há de ser a energia
De vidas que sobre ela hão de viver adiante...

E, assim, irei buscando a Perfeição pedida,
Vivendo na Emoção de seres diferentes
Que a Morte é a transição da Vida para a Vida...

Postumamente

Aí na Terra, as bem-aventuranças
São o sonho que o Espírito agasalha,
Mas, mesmo após a morte, a alma trabalha
Buscando o céu das suas esperanças.

Teme a morte todo aquele que não possui uma compreensão mais ampla da vida. A morte, dentro de uma visão espiritualista, não é senão o retorno da vida corpórea à vida espiritual, uma mudança de condição física na qual o espírito se desvincula do corpo material que já não é mais capaz de animar.

Algumas pessoas acabam por desenvolver um medo extremo da morte, definido pelo conceito de tanafobia, onde *thanato* significa morte e *phobos*, medo. Esse medo leva a mente do indivíduo a focar frequentemente em pensamentos mórbidos, afetando seu cotidiano, bem como gerando bastante ansiedade. A pessoa tende a evitar, além de funerais, ouvir histórias sobre os que já se foram.

Quem teme a morte não consegue ter uma vida plenamente feliz e realizada e a perde como oportunidade perfeita para criar a própria história sem medo do que ela poderia proporcionar.

Assim, como bem coloca o poeta e músico Daniel Neto, “se teme a morte, disfarça, vivendo abundantemente a vida, pois a mera existência é morrer de forma fracionada”. **T**

Sérgio Ballaminut

Cadeira 20 – Patrono Mário de Andrade

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A HOMOGEINIZAÇÃO DA ESCRITA

*Ana Cristina
Silva Abreu*

Antes de discutirmos as consequências do uso da inteligência artificial (IA) na produção literária, leiamos o seguinte artigo:

A inteligência artificial está revolucionando a maneira como os livros são escritos, oferecendo novas ferramentas e possibilidades para autores e escritores. Com algoritmos avançados de processamento de linguagem natural (PLN), programas de IA podem gerar texto, revisar manuscritos e até mesmo sugerir tramas e personagens. Essa tecnologia não apenas agiliza o processo de escrita, mas também expande os limites da criatividade humana.

Autores podem utilizar IA para *brainstorming* de ideias, com programas capazes de analisar tendências de mercado e preferências de leitores para recomendar temas populares. Além disso, a IA pode ajudar na revisão gramatical e na melhoria do estilo, garantindo maior consistência e clareza no texto final.

Contudo, apesar dos benefícios evidentes, há debates sobre o impacto da IA na autenticidade literária e na criatividade genuína. Críticos argumentam que a escrita é um ato profundamente humano, envolvendo emoções, experiências e *insights* que uma máquina não pode replicar completamente.

Ainda assim, a combinação entre habilidades humanas e capacidades da IA promete um futuro emocionante para a literatura. A colaboração entre humanos e algoritmos pode abrir novas possibilidades criativas, desafiando os escritores a explorar novas formas narrativas e a alcançar públicos mais amplos de maneiras inovadoras e envolventes.

Agora a questão importante: quem escreveu os parágrafos acima? Não, não foi um humano, foi a famosa fer-

ramenta de IA conhecida como ChatGPT. O texto traz, como era de se esperar, um tom otimista, contendo apenas alguns contrapontos.

Mas qual a real vantagem e o verdadeiro perigo da IA no campo literário? Que ela pode prestar muitos auxílios aos escritores, é indubitável. Podemos falar em revisão gramatical, pesquisa de mercado e até ferramentas comparativas para detectar plágio. Cada profissional poderia citar inúmeras vantagens no trabalho com esta tecnologia, portanto, não vamos nos demorar aqui discutindo qual pode ser a próxima revolução digital em nossas vidas. Nosso ponto trata de analisar o que pode nos prejudicar, com o que devemos ter mais cuidado.

Passemos a algumas comparações, tendo por base solicitações de texto ao ChatGPT.

Primeira solicitação: “Escreva um parágrafo sobre um homem apaixonado observando sua amada. Ele está hipnotizado por seus olhos e os compara com a ressaca”.

A resposta: “Em um canto tranquilo do jardim, ele a observa em silêncio, completamente hipnotizado pelos olhos dela. Seus olhos, grandes e profundos, têm um brilho que o faz pensar na ressaca do mar, aquela força irresistível e poderosa que o puxa sem esforço para dentro de um mundo só deles. A cada piscar, é como se ele fosse tragado por ondas suaves, envolventes e implacáveis, incapaz de resistir à sua atração magnética. A paixão que sente é avassaladora, um misto de admiração e desejo, enquanto se perde na imensidão azul que reflete o céu e guarda segredos tão antigos quanto o oceano”.

O original: “Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve” (Machado de Assis).

Segunda solicitação: Escreva um curto texto em forma de poesia sobre um retirante nordestino que se vê diante do milagre da vida ao presenciar o nascimento de um bebê. O bebê nasce num local precário, em uma família pobre. É magro e sofrido, mas representa a explosão da vida no mundo.

A resposta:

No sertão seco e árido, onde a esperança é rara,
Um retirante nordestino, rosto marcado, alma clara,
Vê diante de seus olhos um milagre florescer,
Um bebê nasce frágil, entre a terra e o sofrer.

Em casebre precário, sob o sol implacável,
Uma família pobre, mas de coração incansável,
Recebe o novo ser, magro e sofrido,
Mas com a força da vida, em choro comovido.

No olhar do retirante, lágrimas de emoção,
A explosão da vida, no meio da aflição,
A esperança renasce, em berço improvisado,
No milagre do sertão, um bebê abençoado.

O original:

— Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,

só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, Severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
Que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina.
(João Cabral de Mello Neto)

Poderíamos enumerar aqui mais uma dezena de exemplos, mas creio que os dois acima são suficientes para ilustrar a análise que segue. A grande desvantagem do uso indiscriminado da IA na literatura é a homogeneização. Fica claro que a ferramenta solicitada escreveu tanto o texto analítico, quanto a prosa e a poesia da mesma maneira, no mesmo tom, com os mesmos recursos linguísticos, se é que realmente podemos usar tal termo.

É possível dizer que, com mais informações, descrição do estilo e técnica, os textos teriam qualidade superior. Entretanto, qual seria, então, a vantagem? E ainda, com tanta

dedicação, os textos poderiam atingir o nível literário de seus contrapontos humanos?

O que torna um texto memorável é justamente a individualidade do autor. A sua percepção peculiar do mundo e das situações que descreve. O muito ter visto e vivido e, ao mesmo tempo, o muito que não viu e não viveu. Aí se encontra o nicho de sua narrativa, somada aos seus estudos linguísticos, que, vez ou outra, criam o que chamamos de genialidade.

As ferramentas de IA comportam um montante inimaginável de informações, ali inseridas através da interação com os usuários e das técnicas de *machine learning*. Ainda que consideremos que não haja uma influência específica no tratamento de tais informações, e que todo o processo se dê de maneira realmente transparente e, digamos até, democrática, temos de perceber que são demasiadas informações. Como se fossem várias vidas mescladas, infinitas experiências que nenhum ser humano poderia provar de uma vez.

Assim, a IA prescinde não somente das emoções humanas, mas também da limitação que caracteriza a vida humana. As obras primas de Machado de Assis e João Cabral de Mello Neto não são geniais pelo muito, mas pelo pouco. Por focarem em uma cena, em um sentimento, uma angústia, sob o ponto de vista de um homem no seu tempo, com suas limitações exteriores e sua vastidão interior.

Tal relação é impossível para a inteligência artificial. E, por isso, ao juntar toda a informação que possui para escrever um simples parágrafo, tende a tornar tudo homogêneo, sem tempero e, mais perigoso ainda, fácil. Fácil de ler, de entender, sem desafios, logo, sem crescimento. Há uma limitação nas figuras de linguagem, nos tempos verbais, nas estruturas sintáticas.

Devemos ressaltar que não se trata de abominar a nova tecnologia. E, sim, ponderar qual o uso mais consciente para cada ferramenta. Quando se levanta a questão da criatividade, não se trata de apenas gerar uma boa ideia. Há boas ideias que se transformam em textos ruins e há ideias mediocres que se convertem em obras-primas. A criatividade é composta por todo o conjunto dos elementos que

formam uma boa obra, sendo eles, além da ideia inicial, o estilo pessoal, o conhecimento linguístico e todo o arcabouço de recursos literários dos quais o autor dispõe e escolhe, conscientemente ou não, aplicar.

Parece-nos, assim, que a capacidade de contar boas histórias de uma maneira individualizada é, ainda, uma característica humana. E que a homogeneização da literatura é um perigo à espreita. **T**

Ana Cristina Silva Abreu

Sócia-correspondente – Praga (República Tcheca)

NÃO SOU UM ROBÔ!

(NEM ESTE TEXTO É FRUTO
DE UM CHATGPT)

**José Roberto
Espíndola
Xavier**

Desde muito jovem sou fã incondicional da incrível obra de ficção de Isaac Asimov (1920-1992), começando por *Eu, Robô*, publicada em 1950. Na época, foi uma arquitetura absurda, inimaginável, de uma explosão científica embrionária iniciada na segunda metade do século XX. Sucedeu a muitas criações afins de grandes escritores como George Orwell, Aldous Huxley, Ray Bradbury, Júlio Verne e os contemporâneos Robert Heinlein e Arthur Clark. Imortalizou as três leis da robótica, adicionando posteriormente uma quarta. São elas:

1. Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal;
2. Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens contrariem a primeira lei;
3. Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a primeira e segunda leis;
4. (Chamada Lei Zero) Um robô não pode fazer mal à humanidade e nem, por inação, permitir que ela sofra algum mal.

O livro termina com as palavras da doutora Susan Calvin, personagem marcante em suas obras: “A humanidade perdeu o direito de decidir sobre seu próprio futuro. Na realidade nunca teve esse direito. Sempre esteve à mercê de forças econômicas e sociológicas que ela era incapaz de compreender; à mercê dos climas e das fortunas das guerras. Agora, as máquinas compreendem essas forças, e ninguém poderá conter as máquinas, porque terão à sua disposição a mais poderosa de todas as armas: o controle absoluto da nossa economia”.

Século XXI, anos 20. O mundo é envolto por inovações tecnológicas que fazem do engajamento opinativo, letrado e iletrado, consciente ou sem noção, uma Torre de Babel com empoderamento de direitos lícitos ou ilícitos em uma literacia enviesada e sem controle. Caminho aberto para dissonâncias cognitivas coletivas. Convite para exageros de julgamentos preditivos que extrapolam limites da ignorância objetiva tolerada, sem que se possa avaliar a sanidade do processo mental que os produz. Tornamo-nos, todos, especialistas em religiões, etnias, ideologia de gênero, castas, orientações sexuais e todas as Ciências; sem nunca assumir as explícitas necessidades terapêuticas das condutas equivocadas. Egocentristas em busca de reconhecimento e livres para delinquir.

O exercício sem competência e sem fronteiras desses atos cria insanáveis dificuldades de enquadramentos legais das atitudes, para os formuladores das políticas públicas, em diferentes governos.

Dessa maneira, torna-se global e de infinita capilaridade a doutrinação através de *fake news* e algoritmos em todos os setores da inteligência humana, com a mesma amplitude, para afetos e desafetos. Escapa-nos o controle das nossas expectativas, a dignidade da autonomia e da individualidade e as escolhas de destinos almejados. A inteligência artificial (IA), sob o manejo das *big techs*, pode se tornar o quarto poder da República em trilha moderna a ser asfaltada para se golpear a democracia por intermédio do *establishment* político. O nível de cólera aumentou exponencialmente com as redes sociais, com desvios de função e de conduta até de líderes religiosos e militares. O populismo de direita e de esquerda divide o mundo. “O populismo é filho do casamento entre a cólera e os algoritmos”, cita Giuliano Da Empoli, na obra *Os Engenheiros do Caos*.

“O aspecto mais triste da vida atual é que a Ciência alcança o conhecimento mais rapidamente do que a sociedade alcança a sabedoria”, segundo Asimov. Mais triste ainda é constatar que, 70 anos depois, continuamos expostos aos mesmos riscos pela incapacidade do homem de evoluir fraternalmente, colocando o egoísmo acima da solidariedade.

É por estas e muitas outras razões que não me considero um robô: ter alegrias, tristezas, sentimentos, voluntariedades, família e amigos. Em assim sendo, um ser em construção espiritual. Ainda não posso demitir Deus da minha vida. **I**

José Roberto Espíndola Xavier

Cadeira 24 – Patrono Alberto de Oliveira

CECÍLIA MEIRELES E GABRIELA MISTRAL AMIGAS POETAS EM PROL DA EDUCAÇÃO

*Eva Bueno
Marques*

A poesia e a educação acabaram unindo duas grandes poetas educadoras da América Latina em prol de causas maiores, influenciando gerações. Elas se tornaram grandes amigas, mais precisamente de 1940 a 1945, quando Gabriela foi consulesa do Chile no Brasil e veio residir na mesma cidade em que Cecília sempre morou, no Rio de Janeiro.

Gabriela Mistral é considerada a maior poetisa do Chile, a primeira mulher a ser laureada com o prêmio Nobel de Literatura da América Latina, em 1945. Nasceu em 1889, em Vicuña, no Chile, e recebeu o nome de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga. Seu pai, Juan Gerónimo, era poeta popular e sua mãe, Petronila Alcayaga, era costureira. Gerónimo abandonou a família e a cidade quando Gabriela tinha ainda 3 anos e foi Emelina, sua irmã mais velha, quem a alfabetizou. Anos mais tarde, Gabriela contaria que as poesias de seu pai foram as primeiras que leu na vida e logo despertaram nela sua paixão por esta expressão artística.

Foi quando começou a se tornar conhecida entre os meios literários chilenos que ela adotou o pseudônimo Gabriela Mistral, nome criado da combinação dos nomes de dois grandes poetas, favoritos da escritora: o italiano Gabriele D'Annunzio, e o francês Frédéric Mistral, ambos ligados a movimentos nacionalistas em seus países.

Em 1906 se envolveu com Romelio Ureta, um operário ferroviário. A relação entre os dois teria uma grande importância na vida da poetisa, e foi um choque para ela o suicídio de Ureta, em 1909.

Seu nome se tornou conhecido nos meios literários chilenos a partir de 1914, quando ela ganhou um prêmio pela obra *Soneto de la Muerte*, poema inspirado no suicídio de Ureta.

Ela trabalhou como professora ao longo de toda a década de 1910. Após destacar-se como educadora em quatro diferentes instituições, em 1918, Gabriela coordenou um Liceu em Punta Arenas. Em 1921, coordenou o Liceu de Santiago, a mais importante escola para garotas do Chile. Ocupou também destacados cargos administrativos no governo chileno.

Em 1922 deixou seu país para se estabelecer no México. Com o ministro da Educação mexicano, José Vasconcelos, Gabriela fez parte do grande projeto de reforma educacional que criava o primeiro sistema nacional de ensino do México. Ela escrevia ativamente nesses anos, publicando em 1922, o livro de poemas *Desolación* e, pouco mais tarde, *Lecturas para Mujeres*, uma obra de grande importância influenciada pela Revolução Mexicana. Ela permaneceu dois anos no país.

Gabriela Mistral encerraria sua atividade como professora em 1925, momento em que passa a dedicar-se exclusivamente à política, dando palestras e conferências sobre os problemas do sistema de ensino latino-americano e apresentando propostas para solucioná-los.

Em 1925, recebeu o convite para ingressar na Cooperação Intelectual da Liga das Nações, representando a América Latina. Ela partiu para a França e nunca mais voltou a morar no Chile. Em 1932, foi nomeada cônsul, e atuou por longos anos em Nápoles, Lisboa, Madri, Nice, Los Angeles, Nova York, Petrópolis, Santa Barbara, Veracruz e Rapallo.

Em 1941, publica sua primeira antologia poética e, pouco mais tarde, em 1945, ela é indicada ao Prêmio Nobel de Literatura, tornando-se a primeira escritora latino-americana a receber a nomeação. Gabriela Mistral publicaria seu livro seguinte, *Lagar*, apenas em 1954, cujos poemas voltavam-se novamente para o tema da perda e da morte, motivados pelo suicídio de um sobrinho, em 1943, com apenas 17 anos.

Em mais de 40 anos de produção escrita, Gabriela lançou mais de 500 textos, entre livros e publicações em jornais e revistas, e deixou manuscritos inéditos. Além dos livros citados, publicou *Nubes Blancas* e *Breve Descripción de Chile* (1934); *Tala* (1938 – dedicado às crianças vítimas da Guerra Civil espanhola); *Antología* (1941); *Lagar* (1954); *Recados: contando a Chile* (1957); *Poema de Chile* (1967 – póstumo). Sua obra é marcada pelo engajamento com causas políticas, sociais e educacionais. Trata de temas como a luta pela justiça social, a posse da terra, os direitos dos marginalizados, a cultura popular, as relações com a natureza, a religiosidade, a luta das mulheres pela igualdade de direitos trabalhistas e civis. São enfáticos seus textos sobre educação e bibliotecas, em que aborda o papel dos livros e da leitura para crianças e adultos no desenvolvimento das pessoas e das nações, e, em especial, sobre a infância, temática sempre presente em sua obra, com destaque para a poesia infantil.

E foi em Petrópolis que, estando Cecília Meireles ao seu lado, a poeta chilena recebeu a notícia que tinha sido laureada com o Prêmio Nobel de Literatura. Conta o historiador Joaquim Eloy dos Santos que o então presidente da República, Getúlio Vargas, mandou voltar um navio que estava saindo com destino a Europa, para que Gabriela Mistral conseguisse chegar a Estocolmo (Suécia) em tempo de participar da cerimônia de premiação. Em 1953, foi nomeada delegada da Assembleia Geral das Nações Unidas e consulesa em Nova York (Estados Unidos), onde faleceu em 1957, em decorrência de câncer de pâncreas. Em seu testamento, destinou tudo o que possuía às crianças pobres de Montegrande (Chile), o povoado onde passara a maior parte de sua infância.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964) - A notável poeta, com uma vasta obra literária em prosa e em versos, nasceu no Rio de Janeiro e foi criada pela avó materna, açoriana, Jacinta Garcia Benevides, pois ficou órfã da mãe aos 3 anos de idade e do pai, antes de nascer. A avó materna, única pessoa viva da família, dedicou-se integralmente à educação da neta com amor e os mais amplos cuidados. Cecília, muito inteligente, saiu-se bem nos estudos e, com

16 anos, já tinha concluído o magistério com distinção e louvor, tendo recebido a medalha de ouro das mãos de Olavo Bilac, quando tinha 9 anos. Com 17 anos já era professora primária. Lançou seu primeiro livro, *Espectros*, aos 19 anos. Em 1902, casou-se com o artista plástico português Fernando Correa Dias, com quem teve três filhas: Maria Elvira, Maria Mathilde e Maria Fernanda. Em 1935, seu marido suicidou-se, deixando Cecília viúva com três filhas ainda pequenas, com dificuldades financeiras para a criação das meninas, o que exigiu da poeta, uma carga intensa de trabalho.

Cecília Meireles, além de sua notável carreira como poeta, jornalista, tradutora, desenhista, cronista, folclorista, também desempenhou um papel relevante na área da educação no Brasil como intelectual combatente, formadora de opinião, que defendia com coragem suas ideias, com o objetivo de melhorar a educação no país. E, neste trabalho, evidenciamos Cecília como educadora, nos itens a seguir:

1 - Em 1934, Cecília Meireles fundou a primeira biblioteca do Brasil. Ela se dedicou com afinco a essa missão, visto que há muito vinha tratando, em suas crônicas, da importância da literatura para a formação das crianças, da necessidade de se melhorar o acesso destas a boas obras e da escassez de bons e adequados livros dedicados à infância. O projeto, que inicialmente pretendia ser apenas uma biblioteca para crianças, converteu-se em um centro de cultura infantil, popularmente conhecido como Pavilhão Mourisco, no bairro de Botafogo. O espaço, além da seção de livros, contava também com áreas de gravuras, cartografia, recortes, selos e moedas, música e cinema, propaganda e publicidade, observações e pesquisas. As obras foram adquiridas, em sua maioria, por meio de doações da própria Cecília e de outros educadores e editoras. Podemos classificar o Pavilhão Mourisco como um dos grandes projetos educacionais que teve sua participação direta. A partir dele, muitas outras bibliotecas infantis foram criadas por todo o país.

2 - Professora universitária: entre 1935 e 1938, Cecília lecionou literatura luso-brasileira e técnica e crítica literária na Universidade do Distrito Federal (hoje Universida-

de Federal do Rio de Janeiro - UFRJ). Sua atuação como professora contribuiu para o desenvolvimento da educação no país.

3 - Artigos sobre educação: a poeta também escreveu artigos jornalísticos e dirigiu a seção *Página de Educação* no jornal *Diário de Notícias do Rio de Janeiro*. Nessas colunas, ela promovia debates públicos sobre educação, especialmente a infantil, a relação entre família e escola, o papel do educador e todos os assuntos relacionados à educação. A linha de pensamento de Cecília Meireles, a intelectual educadora, e suas propostas destacam a importância da leitura, da cultura e do acesso ao conhecimento para crianças de todas as classes sociais. Ao longo do período de 1920 a 1940, ela produziu os textos que compuseram, mais tarde, a coletânea dos cinco volumes de *Crônicas de Educação*, publicada pela Editora Nova Fronteira, em 2001, organizada por Azevedo Filho, no total de 462 crônicas, sendo que só no *Diário de Notícias* foram publicadas aproximadamente 800. Nelas, Cecília discorre sobre diferentes temas educacionais que considerava relevantes naquele momento. Esses trabalhos contribuíram para elucidar o pensamento educacional da autora: “Eu sou uma criatura de fé. Uma criatura de certezas inabaláveis. De pressentimentos. De esperanças. De sonho. De idealismo. Tudo isso.” (Da crônica *A aposta*, publicada no *Diário de Notícias*, de 3 de dezembro de 1931)

4 - O *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*: datado de 1932, foi redigido por 26 intelectuais, entre eles, Cecília Meireles, e consistia num projeto de renovação educacional no país. Propunha que o Estado organizasse um plano geral de educação e defendia a escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita.

5 - O *Espírito Victorioso*: Cecília candidatou-se, em 1929, a uma vaga de professora de literatura da Escola Normal do Distrito Federal. O concurso aconteceu em 1930 e consistia, inicialmente, na apresentação e defesa de uma tese. Cecília apresentou a tese *O Espírito Victorioso*, texto composto por 128 páginas, no qual abordava muitos dos princípios da Escola Moderna que vinham sendo difundidos pelo mundo na última década. Destacou princípios de liberdade, inteligência, estímulo à observação e à experimentação. No de-

envolvimento da tese, a autora formulou duas indagações: “Se não quisermos ser um estorvo, que passado queremos ser nós para esses que, no presente, são apenas uma probabilidade futura?” e “Tudo se encadeia nesta sucessão: instruir para educar, educar para viver e viver para quê?”.

No entanto, apesar de todos os pontos positivos, os membros da banca – composta exclusivamente por homens – não souberam compreendê-la. Ela não foi aprovada no concurso.

Os anseios e expectativas da escritora em torno das questões educacionais sempre foram traços marcantes de suas lutas e ações, da busca incansável por transformar o Brasil num lugar melhor por meio da grandiosa obra da educação. Em seu longo percurso de cronista educacional, muitos foram os textos dedicados, desde 1930, às famosas Conferências Nacionais de Educação.

Assim é feita a alma dos educadores: eles não desejam nem pedem nada para si. Vivem mergulhados na preocupação do futuro e daqueles que o habitarão, tentando diminuir os males que encontraram na época em que lhes coube viver.

Cecília Meireles

Ela ministrou várias conferências sobre educação e literatura por vários países da América e da Europa. Enfim, para ela, a sociedade, em todos os seus aspectos, precisa de educação.

Influência de Tagore nas obras literárias de Cecília e Gabriela - Rabindranath Tagore foi um escritor, pintor e místico indiano nascido em 1861 em Calcutá, na Índia, então sob o domínio britânico, e falecido na mesma cidade, em 1941. Ele foi laureado com o Prêmio Nobel de Literatura de 1913.

Em comentários de Gabriela Mistral e Cecília Meireles, observamos que Tagore é considerado importante para produções literárias. A leitura de sua obra coincide com a produção artística na obra das duas, exemplificado por meio de um comentário da poeta brasileira:

(...) Rabindranath Tagore se chamou o Gurudev, o 'Professor' - não no sentido mais ou menos aleatório de mero transmissor de conhecimentos, mas com o significado profundo de um formador de almas, de um Poeta atuante, capaz de abrir para os discípulos - ou simples leitores - caminhos largos e claros de pensamento, de sentimento, de compreensão da vida, de entendimento das nações, com o instrumento da Beleza (...).

Nessa citação, Cecília Meireles nos informa que a estética é a disciplina privilegiada para a recepção de Tagore, que, além disso, também exerce um papel espiritual. A leitura de Tagore para a brasileira, também representa as relações culturais entre América Latina e Índia - relações culturais que até hoje permanecem pouco estudadas e cujas protagonistas eram escritoras.

O livro escolar da autora chilena contém vários textos que a poeta considerava significativos para a educação feminina e que foram classificados em segmentos diferentes, como *Hogar* (no qual se encontram a maioria dos textos de Tagore), *Motivos Espirituales e Naturaleza*. Devemos acrescentar que Tagore é o segundo autor mais citado e um dos poucos autores incluídos em *Lecturas para Mujeres*. A escritora chilena é compiladora e leitora do indiano, o que contribui para a sua própria produção literária.

Gabriela anota a seguinte frase no seu livro didático: "Recomendar todas las obras de Tagore"; isso demonstra que a poeta chilena considerava a leitura do escritor indiano crucial para a educação de mulheres. Na sua escolha dos textos, ela consequentemente enfatiza o amor e, particularmente, o amor materno. A escritora chilena encontrou Tagore pessoalmente em 1930, durante uma viagem aos Estados Unidos.

Ao contrário de Gabriela Mistral, Cecília Meireles nunca encontrou Tagore pessoalmente. Porém, a escritora visitou a Índia nos anos 1953/1954, poucos anos depois da independência do país, atendendo a um convite do governo indiano, e lá, recebeu do presidente indiano o título de *Doutor Honoris Causa*, pela Universidade de Delhi. Essa viagem foi documentada em suas crônicas, nas quais também observamos um amplo conhecimento da cultura

e história indiana. Outra distinção entre a obra das duas escritoras é o fato de que Cecília, poliglota, tinha conhecimentos da Língua Bengali e demonstrava, nos seus escritos, conhecimentos específicos da sua estética, usando, por exemplo, termos técnicos. Além disso, Cecília Meireles era presidente da Sociedade Brasileira de Amigos da Índia, e tradutora da obra de Tagore. Assim como Gabriela Mistral, era uma professora de escola e universidade e demonstrava uma dedicação especial à didática na sua obra. Uma parte da popularidade de Tagore no Brasil se explica pela difusão extensa de um livro escolar, *As Mais Belas Histórias*, de Lúcia Casasanta, que incluía textos de Tagore, no terceiro livro *O Fim* e no quarto livro *A Ladra do Sono*. (Menciono aqui que esses interessantes livros faziam parte do currículo do grupo escolar onde cursei o antigo curso primário, em Minas Gerais, nos anos de 1958 a 1961 e que, felizmente, consegui em sebos, exemplares dessas relíquias).

Vale lembrar também o papel de Tagore na política educacional do seu país, que culminou na fundação da Universidade de Shantiniketan, que exerceu uma grande influência em Cecília Meireles. A importância do indiano já é realçada no prefácio da autora para a sua tradução do drama *Çaturanga*, originalmente escrito pelo poeta hindu:

A verdade, porém, é que Tagore foi um grande defensor das mulheres, e sem que elas mesmas, em geral, o saibam: pois essa defesa se apresenta mais claramente em sua obra de romancista e o Poeta, entre nós, é menos conhecido sob esse aspecto, sendo, realmente, este, o seu primeiro romance traduzido no Brasil. Em verso, Tagore canta frequentemente a Mulher; mas, em prosa, explica-a, ilumina seus sentimentos e pensamentos, torna-a compreensível em suas delicadezas e obscuridades, glorifica-a entusiástica e ternamente; e, a essa generosa e penetrante luz, seus defeitos e culpas se diluem e apagam. É a sua maneira de encarnar o espírito da Índia, com sua adoração pela Forma Feminina da criação universal.

Como Gabriela Mistral, Cecília Meireles reforça a importância de Tagore para a prática da leitura feminina e

acentua o seu papel no movimento feminista. A relação com Tagore também é exposta em outros textos de Cecília Meireles, como, por exemplo, em uma crônica sobre a Índia publicada no ano de 1954 no jornal *Diário de Notícias*. A brasileira narra o seu percurso na biblioteca de Calcutá, ocasião em que encontra uma imagem de Tagore:

Rabindranath Tagore sobrevive e alegra mais este ambiente intelectual com a primavera dos seus desenhos. Como o sentimos eterno - no que pintou, no que escreveu, no que compôs em todos os caminhos da arte! Como o sentimos vivo, ao nosso lado, e entendemos o seu sonho de tornar inteligíveis, um ao outro, o Oriente e o Ocidente! E com que sinceridade lhe agradecemos! E com que carinho! Voltamos felizes, como se o tivéssemos visto. A beleza é uma felicidade imortal.

Nas poesias da brasileira é dominante o lado espiritual das suas leituras de Tagore, mas a pedagogia também ocupa um lugar importante. A literatura e a pedagogia são características que unem Gabriela Mistral e Cecília Meireles, visto que as duas escritoras também eram educadoras e escreviam textos pedagógicos. Assim, também podemos ler numa crônica da brasileira: “Poemas, contos, canções, romances, teatro, música, tudo converge para um fim superior, na obra de Tagore. É uma obra altamente educativa, sem nenhuma aparência ou intenção didática”.

Em *Poemas Escritos na Índia*, publicado em 1953 por Cecília, encontramos um lindo poema que ilustra o presente trabalho e que quando foi publicado, o poeta hindu já havia falecido. O poema representa o diálogo com o poeta morto:

Cançãozinha para Tagore

Àquele lado do tempo
onde abre a rosa da aurora,
chegaremos de mãos dadas,
cantando canções de roda

com palavras encantadas.

Para além de hoje e de outrora,
veremos os Reis ocultos
senhores da Vida toda,
em cuja etérea Cidade
fomos lágrima e saudade
por seus nomes e seus vultos.

Àquele lado do tempo
onde abre rosa da aurora,
e onde mais do que a ventura
a dor é perfeita e pura,
chegaremos de mãos dadas.

Chegaremos de mãos dadas,
Tagore, ao divino mundo
em que o amor eterno mora
e onde a alma é o sonho profundo
da rosa dentro da aurora.

Chegaremos de mãos dadas
cantando canções de roda.
E então nossa vida toda
será das coisas amadas.

Podemos observar diante das características descritas acima, a sintonia de Cecília e Mistral na sensibilidade de poetas, nos sonhos e idealismos como mestras educadoras, como influenciadas por Tagore em admiração e entendimento à sua obra e também na vida pessoal de ambas, na convivência com as mortes em família.

Considerações finais - Quando Cecília se casou pela segunda vez com o engenheiro agrônomo Heitor Grilo, em 1940, ela deixou suas três filhas aos cuidados de sua grande amiga Gabriela Mistral, enquanto viajava para os Estados Unidos e México para lecionar literatura e cultura brasileira na Universidade do Texas e para uma série de conferências sobre folclore e literatura brasileira. As duas poetisas mantiveram uma amizade próxima e compartilharam longas conversas, algumas das quais foram fotografadas e registradas em livros de Cecília, sentadas em um banquinho, debaixo de uma linda árvore de magnólia amarelo-dourado, ao lado da linda casa de Gabriela, no Alto da Boa Vista, no Rio de Janeiro, onde ela morava com seu sobrinho Juan Miguel Godoy (Jin-Jin) e sua secretária e amiga Consuelo Saleva.

Em abril de 2010, tive a alegria de me sentar no mesmo banco onde Cecília e Gabriela costumavam conversar, levada pela gentil neta da escritora brasileira, Fernanda Correa Dias, num passeio onde pudemos falar muito sobre essas importantes mestras. Essa experiência foi uma conexão emocionante com o legado das duas grandes poetisas. Embora a magnólia que trouxe daquele passeio tenha murchado, ela permanece viva em meu coração como um presente de Cecília e como o meu grande apreço e admiração por sua belíssima obra, que tanto enriqueceu a literatura brasileira. 

Eva Bueno Marques

Cadeira 26 - Patrono Cecília Meireles

A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA DE COMBATE AO BULLYING

*Alcidéa
Miguel*

O *bullying* tem ganhado destaque tanto nas reportagens e publicações científicas nacionais como também nas notícias internacionais. De acordo com o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, a palavra significa: conjunto de maus-tratos, ameaças, coações ou outros atos de intimidações físicas ou psicológicas exercidos de forma continuada sobre uma pessoa considerada fraca ou vulnerável.

Bullying, que é uma palavra de origem inglesa sem tradução precisa para o Português, é praticado por pessoas a quem são comumente referidas como “valentão”, “brigão” ou “tirano”. O termo tem sido usado para fazer referência a comportamentos sistemáticos e repetitivos de caráter agressivo, violento, opressor, intimidatório ou ameaçador nas relações entre pares.¹

A referida ação é um cenário real dotado de situações em que crianças, adolescentes, adultos e até a terceira idade sofrem sem chances e oportunidades de defesa. Acontece nos ambientes escolar, caseiro, familiar, no trabalho, enfim, em qualquer ambiente social que o indivíduo frequente. O *bullying* tem chamado a atenção de psicólogos, professores e do poder público. Em fevereiro de 2016, entrou em vigor a Lei Federal nº 13.185, conhecida como Lei *Antibullying*, que determina a criação do Programa de Combate à Intimidação Sistemática em todo território nacional. Fica determinado que as escolas devem promover atividades que previnam a prática do *bullying* e preparem os professores para lidar com as vítimas e os agressores na rotina escolar.

O ato agressor pode apresentar-se na forma física, como chutar, bater, cuspir, roubar pertences; verbal, incluindo

apelidos, importunação, comentários depreciativos contra a pessoa/e ou família, humilhação à vítima; e indireta (ou relacional), que acontece quando há exclusão, isolamento social.

Esse fenômeno relacional tem acompanhado estudantes e a sociedade de forma negativa por muitos séculos gerando grandes sequelas na vida psicológica, física, emocional e social do indivíduo, trazendo-lhe insegurança, desmotivação, baixa autoestima e até sentimento de vingança pelos que o oprimiram. Há relatos de alunos que invadem escolas armados e matam pessoas em série em busca de vingança.

O *bullying* é notório para muitos na fase escolar entre as crianças e adolescentes, e é interpretado para algumas pessoas como uma atitude ou fase normal do estudante, dificultando assim a sua detecção, combate e prevenção. Também segue o indivíduo por toda a vida, sendo que, ainda na fase adulta, ele pode se sentir atingido por agressores, que o colocam em situação de isolamento. Excluído do grupo social, pode ser reportado a lembranças de humilhações do passado.

Identificando a vítima – Sinais que podem ser indicativos de uma pessoa que sofre *bullying*: ausência escolar ou do grupo social; isolamento; tristeza; insônia; perda de apetite; dificuldades no aprendizado.

O papel da literatura no combate ao *bullying* - Existem diversas estratégias de combate ao *bullying* com o objetivo de prevenir futuros casos, interferindo diretamente nos grupos para quebrar essa dinâmica, como atividades esportivas, dinâmicas de grupo, música, teatro e rodas de conversas, mas quero aqui ressaltar a literatura.

Essa estratégia tem o poder de construir narrativas fictícias de fácil entendimento para serem transportadas ao mundo real proporcionando a absorção do conteúdo de forma lúdica, trazendo um resultado eficaz e saudável para o grupo a partir da criação de produções literárias através de peças teatrais, cartazes, jogos, contos, crônicas e poemas. Além disso, estimula grupos sociais e estudantes a expressarem seus pensamentos e aplicar reflexões sobre o *bullying*.

Por outro lado, a prática das referidas estratégias, fazem com que o corpo docente e/ou líderes conheçam melhor os alunos ou seus liderados, facilitando assim, a forma exata de como combater e prevenir o *bullying*.

No cotidiano escolar, muitas vezes sem saber, mulheres, adolescentes ou crianças já foram vítimas de algum tipo de violência. Para tanto, optou-se pela Literatura como forma de trabalhar a temática da violência contra as mulheres, crianças e adolescentes porque: Nosso conhecimento das pessoas é limitado, nunca as conhecemos por completo, e sempre estamos nos surpreendendo, nos encantando e, na mais dolorosa das hipóteses, decepcionando-nos com elas. Já a literatura consegue criar personagens mais coesos e coerentes, mesmo que não haja uma representação minuciosa dos indivíduos. Dessa maneira, a literatura nos fornece um retrato em profundidade dos seres humanos, possibilitando-nos refletir sobre suas escolhas ou atitudes.²

Em acordo com a referida posição da professora Cláudia Gruber, vivencio a literatura no cotidiano escolar, e com esta experiência tenho colhido excelentes resultados na temática de combate ao *bullying*. Trago como exemplo as minhas obras paradidáticas infantis: *Essa tal diferença* (Alcidéa Miguel – Editora Scortecci) e *Gully, o monstrinho amigo* (Alcidéa Miguel e Maria Silvia Mazin – Editora Futurama), as quais trabalho aplicando leitura, histórias, músicas dos personagens, dinâmica de grupo, brincadeiras, jogos e demais recursos com o objetivo de fixar o conteúdo “não ao *bullying*”.

Finalizo esse artigo com a frase do crítico, sociólogo, ensaísta e professor brasileiro Antonio Candido que diz: “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”.³ 

Alcidéa Miguel

Cadeira 25 - Patrono Vinicius de Moraes

NOTAS

¹FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2ª Ed. Campinas: Editora Versus, 2005.

²GRUBER, Cláudia. *De Dinorá às Mocinhas do Passeio: As guerras conjugais no universo boêmio de Dalton Trevisan*. Curitiba: Dissertação (Mestrado) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes (UFPR), 2007.

³CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CÍRCULO DO LIVRO UMA EXPERIÊNCIA INUSITADA NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

André Chaves

Em 1973, o conglomerado Bertelsmann SE & Co. KGaA, com sede em Gütersloh (Alemanha), já se destacava no mercado de comunicação social, sobretudo na publicação de livros e revistas em muitos países. Um de seus executivos internacionais era o espanhol José María Esteve, o homem por trás do sucesso do segmento Clube de Leitores em vários países além da Península Ibérica.

Sua insistência em explorar o mercado latino-americano era regada tanto pelo sucesso da experiência nos países latinos europeus quanto pela inexistência desse segmento no novo continente. O Brasil lhe pareceu um mercado atraente, embora possuísse, no início da década de 1970, grande parcela da população (88%) com nenhuma formação escolar (analfabetos) ou baixa escolaridade (ensino fundamental); apenas 12% possuíam ensino médio ou superior e representavam leitores e consumidores de maior potencial; ademais, o país vivia um regime totalitário (conhecido por ditadura militar) que poderia censurar inúmeros títulos inconvenientes com os interesses dos militares e civis detentores do poder.

Após as negociações, foi firmada parceria com um dos mais importantes grupos de comunicação social do Brasil na época, o Grupo Abril, com sede em São Paulo. Os europeus entraram com 49% do capital, além do *know-how* da produção e do sistema de Clube de Leitores adquiridos nas experiências anteriores. Os brasileiros foram responsáveis por 51% do capital, incumbidos pela gestão da produção e do marketing, ou seja, da administração da dinâmica do negócio no território brasileiro.

Os investimentos criaram uma editora e um sistema inovador de venda de livros a ela vinculado, com títulos nacionais e traduções estrangeiras, que deveriam atingir o mercado sempre com preços populares. A intenção era fidelizar o cliente/leitor em aquisições permanentes de livros ou coleções. O nome escolhido para o empreendimento foi *Círculo do Livro*.

Seu parque gráfico recebeu máquinas ajustadas ao padrão desejado: um formato de livros exclusivo, que reduzia perdas, especialmente de papel. As publicações saíam com capa dura e, nos primeiros anos de funcionamento, com acetato sobre elas. Foram valorizados estudos europeus sobre legibilidade, o que assegurou a escolha de tipos de letras que ajudaram a estabelecer tanto a identidade da editora quanto o conforto da leitura.

Implantou-se um sistema de venda e compra simplificado, que se revelou um marketing eficiente, capaz de chegar de maneira agressiva ao mercado. Foram contratados e capacitados centenas de representantes comerciais para estabelecerem venda direta, também conhecida por PAP (Porta a Porta), cuja presença na residência dos associados seria rotineira. A partir das metrópoles nacionais, foram contratados representantes comerciais encarregados de levar o negócio para as regionais e, por fim, outras cidades menores com clientes em potencial revelados a partir das pesquisas de mercado.

Ao longo do tempo, a expansão do número de associados foi pautada também pela indicação de um não associado por um membro do clube. Algumas revistas publicadas e distribuídas pela Editora Abril em bancas de jornais também saíram com encartes que orientavam a associação direta após preenchimento de pequeno formulário, que poderia ser facilmente recortado e enviado pelo correio.

Uma vez feita adesão com o pagamento de pequena taxa de inscrição, o novo membro do clube receberia gratuitamente a *Revista do Livro*, com tiragem trimestral (que passou a ser bimestral, depois voltou a ser trimestral, e acabou por ser mensal) na qual eram oferecidas opções de compra a critério do leitor. Fazia parte do contrato que, a cada perío-

do (que também variou ao longo dos anos), o leitor se comprometeria a comprar um exemplar de livro, a ser entregue pelo representante comercial ou pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos nas regiões em que não havia presença constante dos representantes comerciais; a não realização da compra poderia acarretar a exclusão do associado.

Chegada a *Revista do Livro* na casa do leitor, era selecionado um ou mais títulos segundo seu desejo ou necessidade, de qualquer valor. Entregava o encarte com o pedido ao representante comercial ou o postava em qualquer agência dos Correios com porte pago pelo *Círculo do Livro*. Aguardava-se a chegada do representante para pagá-lo ou o comunicado da sua chegada aos correios para retirá-lo com reembolso postal.

Computadores pessoais em casa eram raríssimos, a Internet não existia, portanto era impossível acessar o *e-commerce* e adquirir livros físicos ou *e-books* pelos sites de compras – como Amazon, Submarino ou Estante Virtual, entre os mais acessados – ou sites das próprias editoras. Era uma época na qual as livrarias renomadas (Saraiva, José Olympio, Martins Fontes, entre as mais conhecidas) ficavam no centro das principais cidades do país.

Embora existissem bibliotecas escolares e públicas para empréstimos de livros, bancas de jornais ou papelarias capazes de vender alguns títulos nos pequenos municípios e em muitos bairros das periferias das grandes cidades, seus moradores representavam um mercado pouco explorado pelo capital editorial e que merecia investimento, ou seja, mais uma vez o capital sentiu que seria possível criar a oferta e instigar a demanda para seu produto.

Foi uma época em que a mídia impressa era o principal meio de distribuição de informações e saberes, com milhões de jornais diários, revistas semanais e mensais, bem como livros, coleções e outras publicações independentes sendo vendidos pelos mais variados preços para os mais diversos leitores, com seus múltiplos interesses. Além disso, não havia tantas opções que disputassem o tempo das pessoas com o exercício da leitura, como os vídeos rápidos das redes sociais, séries, filmes, shows e desenhos animados oferecidos pelos canais das TVs por assinatura ou *streamings*.

As periferias das metrópoles e os inúmeros pequenos municípios espalhados pelo território nacional passaram a ter acesso direto a abundante lista de títulos de literatos de renome, bem como estudos científicos e curiosidades, reeditados ou inéditos, chegados aos endereços dos leitores em poucos dias após o pedido, uma acessibilidade financeira e logística nunca vista.

Esse sistema de produção, venda e distribuição fazia com que o livro chegasse ao consumidor com preços mais baixos que os mesmos títulos de editoras concorrentes que utilizavam as redes de livrarias e papelarias convencionais, o que fez agitar o mercado e ampliar irreversivelmente o número de leitores em todo o país. Para muitos, era uma felicidade quando o livro chegava em casa ou na agência dos Correios. Após tirar o *shrink* (plástico que envolvia a mercadoria), sentia-se o cheiro de papel novo e procurava-se começar a leitura o mais rápido possível.

Essa satisfação decorria da experiência dos editores que escolhiam os títulos a serem oferecidos aos sócios leitores, o que era feito a partir de dois critérios fundamentais: sucesso já consolidado no mercado nacional ou estrangeiro, e êxito potencial. Eram novidades das quais os editores experimentariam no mercado, acreditando em bons resultados. Como se sabia o número de sócios, a análise das vendas determinava o volume das tiragens ou exclusão do título da *Revista do Livro*. No início, as tiragens dos títulos eram de seis mil exemplares, com reimpressões de três mil; com o tempo, era feita uma pré-venda que garantia uma melhor perspectiva da tiragem propriamente dita.

Os editores do *Círculo do Livro* sabiam identificar e aproveitar as oportunidades de investir na produção de títulos próprios com grande apelo de mercado. Foi o caso do livro *O Papa do Povo: João Paulo II*, lançado em 1979, com intenção de que os leitores conhecessem melhor o líder da religião com maior número de adeptos do país por ocasião de sua primeira visita ao Brasil, ocorrida no período de 30 de junho a 12 de julho de 1980. Foi um sucesso de vendas.

A *Revista do Livro* começou com 30 títulos em seu catálogo, e alcançou grande variedade, chegando a oferecer mais

de 300 trabalhos específicos apresentados em cada edição, distribuídos em várias sessões: *Mundo Jovem – Livros que encantam todas as crianças*; *Humor – O melhor é dar risada*; *Best Sellers – Aventura, Emoção e Suspense*; *Best Sellers – As histórias preferidas pelo público*; *Best Sellers – Autores que garantem diversão*; *Best Sellers – Campeões de bilheteria em todos os países do mundo*; *Ciência e Mistério – Este universo belo e desconhecido*; *Vida Prática – Todas as dicas para seu bem-estar*; *Vida Prática – Livros que ajudam a viver com conforto e lazer*; *Vida Prática – Agradáveis e úteis*; *Romance – Força da emoção em destinos comoventes*; *Romance – Mulheres excepcionais em romances cheios de impacto*; *Depoimento e reportagem – Fatos e mitos de tempos de crise*; *Depoimento e reportagem – O mundo através da experiência*; *Divulgação – Como viver melhor e atingir a paz interior*; *Divulgação – Temas profundos, em obras de agraáveis leituras*; *Literatura moderna – Visões atuais da realidade humana*; *Literatura Moderna – Vibre e se emocione com essas obras de mestre*.

Aguçava a curiosidade dos leitores com as colunas *10 mais vendidos*, *Novidades do Bimestre* e *Livro do Bimestre / Trimestre*.

Também ofertava volumes para constituir coleções, tais como *Nosso Século*, *Monteiro Lobato*, *Ágata Christie*, *Pesquisas de Conhecer*, *Primeiros Passos*, *Enciclopédia da Vida Sexual*, *Clássicos Disney*, *História Ilustrada da Arte da Universidade de Cambridge*, *História Ilustrada da Ciência da Universidade de Cambridge*, *Grande Enciclopédia Larrousse Cultural*, *A Vida Cotidiana*, *Pequena História das Grandes Nações*, *Machado de Assis*, *Biblioteca do Escoteiro Mirim*, *Grandes da Literatura Brasileira*, *Os Grandes Contos*, *Almoço e Jantar*, *Jorge Amado*, e outros mais.

Alguns desses títulos eram editados no Brasil com exclusividades pelo *Círculo do Livro*, outros eram produzidos em parceria ou licenciados por outras editoras de alcance nacional como Editora Zahar, José Olympio Editora, Editora Record, Editora Cultrix, Editora Vozes, entre as mais renomadas. Portanto, o *Círculo do Livro* se tornou um clube de leitores generalista e de grande sucesso no Brasil: atingia pessoas dos mais longínquos endereços, variadas faixas de renda e diversificados gostos.

O empreendimento também criou o programa *Difusão por Amizade*, segundo o qual o sócio poderia indicar um novo assinante para receber um brinde à escolha para cada apresentação: vale-livro com limite de preço, suporte para plantas de teto, churrasqueira elétrica, conjunto de facas de cozinha, conjunto de talheres, balança de cozinha ou de banheiro, sacola de viagem, binóculo de 50mm, despertador mecânico, escorredor de pratos, colcha de cama de casal, relógio de pulso digital, LPs, dois volumes de alguma coleção. Na época, eram brindes atraentes, que poderiam provocar desejos de muitos associados.

Além desses benefícios, existia ainda o sorteio trimestral de um carro zero quilômetro. Na compra de um livro, um selo vinha colado no *shrink*. A cada quatro selos consecutivos enviados à editora, o associado recebia um número da sorte; quem tivesse o número equivalente ao sorteado na loteria federal da data marcada, ganharia o automóvel. O Sorteio de Natal era especial: além do carro, eram distribuídos mais nove prêmios: motocicleta, videocassete, freezer, aparelho de televisão, fogão, secretária eletrônica, *microsystem*, bicicleta e multiprocessador.

Nos derradeiros anos de publicação da *Revista do Livro*, apareceram pequenas biografias dos autores dos títulos disponíveis (na tentativa de valorizar a mercadoria) e também a venda de alguns pôsteres decorativos na moda da época (iniciativas que procuravam aumentar a receita da empresa).

Segundo o editor Fernando Nuno, os títulos mais vendidos na história do *Círculo do Livro* foram: *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach, com 259 mil exemplares, e *Eu Christiane F, treze anos, drogada, prostituída...*, de Kai Hermann e Horst Rieck, com 230 mil. Muitos títulos ficaram anos consecutivos aparecendo na revista, pois tinham boa venda frequente, como *Teologia do Cativo e da Libertação*, de Leonardo Boff; *Eram os deuses astronautas*, de Erich von Däniken; *As sandálias do pescador*, de Morris West; *Pensão Riso da Noite: Rua das Mágoas (cerveja, sanfona e amor)*, de José Conde; *As melhores receitas de Cláudia*, entre outras dezenas de títulos de destaque. Isso demonstra o alcance do *Círculo do Livro*: os mais de 300 títulos em seus catálogos estavam à disposição de mais de 800 mil associados

estáveis, em 2.850 municípios do Brasil, em meados da década de 1980.

Contudo, no final dessa década, com a crise social e a abertura política progressiva dos países da Cortina de Ferro (que haviam vivido o Socialismo de Estado ou Socialismo Real) às nações do Ocidente, os executivos da Bertelsmann SE & Co. KGaA, perceberam um mercado mais atrativo no Leste Europeu que, embora tivesse saído de regimes totalitários, as populações dos países que compunham essa região haviam recebido educação de elevada qualidade, com número de leitores maior que no Brasil, potenciais compradores de obras ocidentais antes ignoradas por eles, especialmente diante de censura feita pelas instituições de Estado responsáveis pelo controle da comunicação social.

Nessa situação, em 1989, Comunicações, Lazer e Cultura (CLC), uma divisão do Grupo Abril, comprou a parte alemã, ampliou seu parque gráfico e nele centralizou a produção. Com atenção mais voltada às suas edições tradicionais, deixou para segundo plano os negócios e as atividades do *Círculo do Livro*. Todavia, outras mudanças históricas também enfraqueceram essa experiência editorial.

Multiplificaram-se os shopping centers e com eles, livrarias se instalaram em meio a outras lojas. Com o advento das livrarias megastores (como Saraiva Megastore e Livraria Cultura) também franquias de livrarias menores se espalharam pelo país (como a Livraria Nobel). A compra de livros como parte do lazer, especialmente nas metrópoles, se fortaleceu a partir do Plano de Estabilização da Economia chamado Plano Real, feito pela administração pública federal brasileira em 1994, que proporcionou o aumento do poder de compra da população durante alguns anos.

Já no século XXI, o barateamento dos computadores pessoais, a ampliação da Internet, a chegada dos *smartphones*, dos *tablets* e dos aparelhos de leitura específicos de *e-books* (como o Kindle), fez com que a venda de títulos de livros (tanto físicos, quanto digitais) fosse feita por meios eletrônicos, e entrega feita por empresas de distribuição cada vez mais rápidas.

O *Círculo do Livro* permaneceu como clube de leitores até 1996, quando os executivos do Grupo Abril decidiram

que sua estrutura deveria exercer outras atividades no campo editorial, como gráfica e distribuição. No ano 2000, foi concretizada sua venda para a Donnelly Cochrane Gráfica Editora do Brasil; no ano seguinte, essa empresa adquiriu também a Gráfica Editora Hamburg de São Paulo, unificando a administração das empresas que atendiam seus interesses e clientes no Brasil.

Embora não tenha sido o primeiro clube de leitores do Brasil (experiências anteriores são conhecidas, como a Bibliex – Biblioteca do Exército e o Clube do Livro), o *Círculo do Livro* foi o de maior sucesso, reaqueceu o mercado editorial e incentivou ou reacendeu a chama da leitura em milhares de brasileiros. Apresentou escritores novos, recuperou autores esquecidos e favoreceu os literatos atuantes. Até hoje é uma memória prazerosa na mente de muitas pessoas, exaltada quando se folheia ou se relê um livro publicado por essa editora, encontrados tanto em sebos e sites de vendas quanto em bibliotecas públicas e privadas, impressões felizes de um período da História que prova a importância da informação verdadeira e do conhecimento sólido como instrumentos de elevação do ser humano, fortalecedor da diversidade e da democracia. **T**

André Chaves

Cadeira 06 – Patrono Machado de Assis

O MUNDO DOS AFETOS E ALGUMAS ESTRANHEZAS

*Maria do Céu
Formiga de
Oliveira*

Ainda não aprendi a descansar porque não aprendi a acolher no coração o fato de que tudo está oculto no futuro. O mundo dos afetos é um tema do meu interesse. Acredito que relações saudáveis ajudam a traduzir melhor a vida, tornando-a menos cindida, menos crivada pelo excesso de racionalidade sem temperatura. E se tudo está oculto no futuro, preciso entender esse mundo em que vivo.

Por conta da constatação do aumento de relacionamentos voláteis (especialmente entre os jovens) – que propõem mudanças na forma de pensar os vínculos, tornando-os frágeis, sem parceiros fixos, mudando a forma de pensar o casamento e a formação do núcleo familiar tradicional – decidi entender o que é esse fenômeno contemporâneo: agamia.

Mudanças a partir das prioridades – O conceito de agamia refere-se a determinados padrões de comportamento, principalmente entre os jovens, que não querem ter filhos, não pretendem se casar, não almejam uma vida nos moldes da família tradicional. A ideia de compromisso não faz mais parte dos planos para o futuro.

De fato, é possível perceber que as mudanças também ocorrem a partir das prioridades. Atualmente os jovens estão mais preocupados no engajamento de causas sociais, ambientais e humanitárias. Estão muito mais participativos nos ambientes de discussão e nas manifestações de defesa em prol do que acreditam.

Em outro plano, os projetos pessoais deixaram de refletir o que conhecíamos como o “modelo tradicional” de relacionamentos. Aliás, até mesmo o sentimento que rege as relações afetivas – o amor – tem ganhado outro significado e outras interpretações.

A agamia na Geração Z - Pessoas nascidas entre os anos de 1990 e 2010, as que se enquadram na Geração Z, acompanharam o “boom” tecnológico e são nativos deste universo.

Não por acaso, seu modo de pensar e agir são características desse período em que a tecnologia passou a ditar os rumos dos comportamentos. Um deles é a dificuldade de socializar na esfera física. O “tête-à-tête”, por assim dizer, é praticamente um desafio para a geração que não vivenciou o “antes da internet”.

Um pouco disso é refletido na maneira com a qual lidam com as frustrações, como se esse sentimento fosse algo nocivo, quando, na verdade, ele é fundamental para o amadurecimento e o preparo para a vida. Manifestam mais intolerância mediante situações que exigiriam somente discernimento e cautela.

Por outro lado, são multiculturais, valorizam a diversidade em suas mais diversas manifestações, lutam por causas sociais e por ações de sustentabilidade. Já nasceram com o viés empreendedor e se intitulam autodidatas.

Muitos sentimentos adversos, no entanto, estão presentes no comportamento dessa geração. A pressão social para que se encaixem em padrões sociais relacionados à aparência e status desencadeia uma onda de ansiedade entre esses jovens. Uma das respostas a esse movimento é, por exemplo, o uso da automedicação de psicofármacos, sem qualquer acompanhamento médico e psicológico.

Como já “nasceram conectados”, sua relação com o ambiente pode apresentar algumas características que se confrontam. Exemplificando: no trabalho, não querem cumprir uma jornada laboral pré-estabelecida, priorizam o *home office* e querem mais flexibilidade. Mas, ao mesmo tempo, são flexíveis em suas preferências.

E é também dentro desse contexto que a agamia deve ser analisada. Os pilares que sustentam relações saudáveis e duradouras estão sendo fragilizados? Ou se trata de um movimento natural da evolução da sociedade? Estamos realmente vivenciando uma quebra de paradigmas ou distorcendo a percepção com relação aos limites necessários que regem os relacionamentos?

O impacto da agamia em outras gerações – Embora o fenômeno da agamia esteja bastante concentrado na Geração Z, podemos observar essa inclinação em outras idades.

Os adultos também têm expressado insegurança quanto aos vínculos de intimidade, relacionamentos de significativa complementariedade, além da leitura de que filhos não só dão muito trabalho e comprometem a liberdade, como também, custam caro financeiramente.

Alguns aspectos que comprometem, evidentemente, a qualidade relacional daqueles que se encontram distantes da Geração Z, são, por exemplo, o impacto das redes sociais nos relacionamentos conjugais e suas consequências para a vida do casal, entre vários outros fatores.

Para as gerações anteriores à Geração Z é preciso maturidade para lidar com situações conflituosas em decorrência de uma desconfiança ou insegurança diante desse novo padrão de comportamento. Daí a importância do diálogo aberto, da disponibilidade e da disposição em esclarecer quais as perspectivas de cada um, bem como os objetivos.

Não só esclarecer, mas também se disponibilizar a agir dentro daquilo que foi estabelecido entre o casal. Em uma relação na qual existe uma parceria transparente, não há falta de tempo para o outro, tampouco falta de atenção. Será apenas com base no respeito na privacidade e na confiança que o casal encontrará a satisfação desejada com a relação.

Alguns estudos mostram que, ao contrário do que se imagina, ter acesso a senhas de e-mails ou de redes sociais do(a) parceiro(a) não significa que ali há uma relação de cumplicidade, mas de desconfiança, de ciúmes, de posse. “Por que eu faria questão de ter as senhas de uma pessoa na qual eu supostamente confio?”. Não faz qualquer sentido. A confiança está justamente no desinteresse (não no sentido de “descaso”, mas de “despretensão”) de ficar verificando suas mensagens, suas conversas.

É fato que a chegada de novos recursos tecnológicos e de novas fontes de informação e comunicação interferiram nas relações interpessoais de uma maneira geral. Sentimos o peso da necessidade de estarmos conectados 24 horas por dia, sete dias na semana. Precisamos dar respostas em tempo

real. Precisamos estar cientes do que está acontecendo ao nosso redor, com os nossos amigos e com pessoas que sequer conhecemos. A manutenção do relacionamento ultrapassou o ambiente físico e adentrou o plano virtual. E nesses, não há um limite, não há uma extensão mensurável.

Um convite à reflexão - A análise sobre a agamia nos conduz a uma reflexão profunda sobre os rumos das relações humanas e dos valores sociais em nossa contemporaneidade. Observamos transformações nas quais os tradicionais modelos de relacionamento e família são questionados e, em muitos casos, rejeitados em favor de novas formas de interação social e de prioridades individuais.

É inegável que a Geração Z, influenciada pelo advento da tecnologia e imersa em um contexto de constante mudança e incerteza, protagoniza esse movimento de transformação. Se, por um lado, demonstra uma abertura para a diversidade, engajamento em causas sociais e preocupação com questões ambientais, por outro, revela uma certa aversão aos compromissos tradicionais, como o casamento e a formação de família.

No entanto, é importante ressaltar que a agamia não se restringe aos jovens dessa geração. Ela reverbera em outras faixas etárias, evidenciando uma insegurança generalizada em relação aos vínculos interpessoais e uma busca por autonomia e liberdade individual. As redes sociais e o avanço tecnológico, embora aproximem as pessoas virtualmente, também podem distanciá-las emocionalmente.

Diante desse cenário, torna-se ainda mais necessário cultivar o respeito à individualidade do outro, sem abrir mão da confiança e da transparência. A verdadeira cumplicidade não se manifesta na posse ou no controle sobre o parceiro, mas sim na aceitação e no apoio mútuo, mesmo diante das diferenças.

Além disso, urge a necessidade de repensar os padrões de sucesso e realização pessoal que muitas vezes estão atrelados à conquista de bens materiais e *status* social. Valorizar o autoconhecimento, a saúde mental e o bem-estar emocional deve ser uma prioridade, especialmente em uma sociedade

marcada pelo culto à imagem e à superficialidade.

Por fim, é fundamental reconhecer que a agamia não é apenas um reflexo das mudanças sociais, mas também uma oportunidade para repensarmos nossos valores e construirmos relações mais autênticas e significativas. Somente por meio do respeito e da empatia poderemos superar os desafios dessa era em que vivemos e encontrar a verdadeira realização em nossas conexões humanas. **T**

Maria do Céu Formiga de Oliveira

Cadeira 38 – Patrono Mario Quintana

MAESTRO - MAESTRINA

UM CAMINHO A PERCORRER

*Guaraciaba
Gissoni*

Todo ser vivo reage ao detectar o som de um instrumento. O soar de uma nota musical provoca uma reação. Alegria, tristeza, sorriso, calma. Fica-se alerta, presta-se atenção. Quem nunca reagiu ao ouvir o toque de uma nota ao violino, ao piano, ao atabaque, ao pandeiro, ao violão? Uma infinidade de instrumentos que podem nos levar à várias emoções e lugares.

Ao erguer-se, equilibrando-se nos membros inferiores, o *homo sapiens* começou a sofrer necessidades vitais devido à sua condição humana. Precisava defender seu espaço dos animais, guerrear com grupos rivais e enfrentar desastres da natureza. Não só guerreavam e caçavam, festejavam também os acontecimentos positivos, a descoberta de um manancial ou qualquer outra ocasião importante. E louvavam a um ser desconhecido, ao qual atribuíam uma influência especial, benéfica ou maléfica, nos destinos do ambiente em que viviam.

Com isso, gradativamente, houve a expansão da linguagem e a criação de instrumentos que os auxiliavam; eram feitos a partir de restos de animais e pertences da natureza.

Os séculos foram se passando e o homem voltou-se para um Deus. Mesmo que imaginário, tudo era em função deste. A mulher, mesmo sendo uma criatura submissa, de índole menos agressiva, colaborou neste crescimento. Tanto que grandes compositores tiveram em suas famílias mulheres que, apesar de não serem reconhecidas, colaboravam e admiravam a música, aperfeiçoando-a.

Em certo momento da história o domínio da igreja deixou de existir e a música passou a ser profana, falando de amor, da natureza e quaisquer outros sentimentos — pessoais ou alheios.

As artes deram-se as mãos e a música, a dança e a poesia uniram-se, adquirindo forma estrutural, o que nos levou à compreensão da existência humana. E quando o ser humano se compreende, ele sabe com certeza o que deseja! E elas sabiam o que queriam!

Mesmo com toda a dificuldade social, familiar e financeira da época, elas tinham de seguir seu rumo. Tanto Antonia quanto Francisca precisavam mostrar para a sociedade que eram capazes de crescer na carreira musical. Tinham a vocação e a satisfação pessoal como primordial em suas vidas.

Somos seres musicais, nossas vozes emitem sons graves, agudos, suaves, ameaçadores, amigáveis, amorosos. Sempre que nos agrupamos, em ocasiões diversas, nos ocorre a necessidade de ouvirmos ou provocarmos sons musicais. Para que isto aconteça, além de nossas vozes, utilizamos também instrumentos diversos e, para que um coral ou um grupo de instrumentistas produza uma música de qualidade, é necessário que uma pessoa os conduza, o maestro.

Ah! Maestro... que figura interessante! No seu gestual, aquele que o assiste na regência de uma orquestra ou coral percebe os movimentos e a “intenção” do compositor da música. Atentando para o seu rosto, percebe-se os sentimentos que aquela música lhe provoca e, com certeza, também nos músicos ou cantores daquele grupo. Cabe aqui dizer que esta figura é bastante importante em qualquer destas ocasiões.

Por muito tempo, até o século XVIII, a regência musical foi uma atividade ocupada por homens, no entanto, hoje a atuação das mulheres nesta profissão está cada vez mais destacada. Um maestro tem papel de liderança. Além do conhecimento sobre vários instrumentos e vozes, preocupa-se com relações humanas, tarefas administrativas e outras atribuições. Incorpora a condução de músicos ou cantores na interpretação de uma obra musical, determina o andamento e o tom, entre outros fatores que requerem um conhecimento apurado, ouvido musical e afinação para homogeneizar o som do grupo. É uma função complexa dentro de uma obra musical.

Ao fazer este prólogo, confesso que a minha intenção é destacar a figura feminina que rege uma orquestra, a maestrina.

Há trabalhos maravilhosos criados por mulheres, que demonstram excelência no desempenho da produção cultural para a sociedade. Ressaltando que a regência é responsável por conduzir um grupo de músicos, preparando-os durante os ensaios. A liderança depende do nível de compreensão e atuação do grupo musical. É um trabalho em equipe com colaboração e organização.

Um dia, a música, a dança e a poesia
uniram-se adquirindo

forma estrutural, o que nos levou à
compreensão da existência humana.

E... quando o ser humano se compreende, ele sabe,
com certeza, o que deseja.

E elas sabiam o que queriam!...

Ó abre alas - Como fazer feliz um povo simples, sem estrutura financeira, sem instrução adequada, com problemas diários? Um povo sedento de bons momentos! Se pararmos para pensar, veremos que numa simples marchinha de Carnaval, uma mulher, uma pianista, uma virtuose, uma brasileira, já estava proporcionando a este povo acesso à música. E... o mais importante, regendo-o!

Francisca Edwiges Neves Gonzaga nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de outubro de 1847. Devido à sua personalidade forte e independente, sofreu reveses desde jovem. Pianista, compositora, maestrina, feminista, combativa, abolicionista, revolucionária, lutou pela libertação dos escravos, integrando-se ao movimento republicano. Enfrentou a ira e o desprezo de seu pai e familiares. Sofreu nas mãos de seus filhos e de seu marido, o que tornou inevitável a separação. Com determinação e altivez, enfrentou também a opinião pública conservadora da época, lecionando piano para sobreviver e exercendo sua arte em lugares pú-

blicos. Entre desilusões amorosas e paixões avassaladoras houve um grande amor correspondido que pouco durou, devido às convenções sociais. Viveu intensamente.

Com o passar do tempo, ficou bastante conhecida, conquistando enorme quantidade de admiradores. Um em especial, dentre eles, chamou-lhe a atenção. Ela aos 52 anos, ele com 16. Mais um amor impossível! Ou não?

O relacionamento entre eles tornou-se profundo, porém, como era visto de forma errônea, ela, para calar a opinião pública, o adotou como filho. Essa relação amorosa foi constatada após sua morte, através de cartas. E foi este jovem quem, futuramente, preservou o seu acervo cultural.

Foi a primeira mulher do país, quicá do mundo, a reger uma orquestra, com a ópera de Antônio Carlos Gomes, *O Guarani*. Por ocasião da morte do maestro, a compositora dedicou-lhe uma valsa, *Saudade*, mas a manteve inédita em seu acervo. Muitas de suas composições musicais são executadas ainda hoje. Entre elas a marcha carnavalesca *Ó Abre Alas*, que ainda é lembrada nos carnavais; a linda peça para piano *Lua Branca*, dedicada ao grande amor de sua vida; a obra musical *Atraente*, e tantas outras. Enfrentou, com altivez e determinação, a opinião pública conservadora do país.

Faleceu em 1935, deixando importante legado musical, tornando-se inspiração para outras mulheres que desejaram seguir carreira como maestrinas. Sua vida ainda hoje é tema de muitos trabalhos literários, sendo, inclusive, assunto de séries televisivas.

Abro aqui um parêntese para citar uma sua contemporânea, a pianista e maestrina Antonia Louisa Brico (1902-1989), nascida em Roterdã, na Holanda, e radicada nos Estados Unidos.

Foi uma das primeiras mulheres a obter reconhecimento como regente de orquestras, enfrentando a sociedade e a opinião pública da época. Formou uma orquestra feminina com musicistas atraídas por seu entusiasmo e amor pela música. Há um filme-documentário sobre sua vida, lançado em 1974, chamado *Antonia: A Portrait of a Woman* e, em 2018, foi lançado o filme *Antonia, uma Sinfonia*, disponível no *streaming*.

Hoje, o trabalho das maestrinas ainda não é reconhecido a contento, nota-se um preconceito velado, certa rejeição, inclusive na parte monetária, quando uma maestrina é menos valorizada. Ainda há barreiras a vencer. No entanto, temos um exemplo bastante interessante, a maestrina Marin Alshop, nova-iorquina, que foi diretora musical da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo de 2012 a 2019.

Os amantes da música erudita e contemporânea muitas vezes admiram-se ao assistir a uma peça musical sendo regida por uma maestrina, mas reconhecem e valorizam sua atuação e dedicação. Hoje temos no universo musical muitas delas que estão vencendo nesta área.

Apresento, para finalizar, alguns nomes entre tantos, de nossas maestrinas que hoje ocupam cargos de regência. A maestrina Ana Lúcia Gaborim, regente e professora, possui curso técnico de piano clássico, bacharelado em composição e regência e mestrado em música pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e doutorado em artes pela Universidade de São Paulo (USP). Uma das mais destacadas maestrinas brasileiras da atualidade, Ligia Amadio atuou como regente titular e diretora artística em importantes orquestras, inclusive na Orquestra Filarmônica de Montevideu, sendo a primeira mulher a ocupar um cargo dessa envergadura no Uruguai.

Priscila Bomfim, que saiu de Campo Grande (MS), hoje está no Theatro Municipal do Rio de Janeiro; Mônica Giardini rege a Banda Sinfônica do Estado de São Paulo; Thais Fernandes Costa, que tem bacharelado em música com habilitação em regência pela Unesp, hoje é regente da Orquestra da Universidade Federal da Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul; e Ana Paula Guimarães, que é maestrina do coro amador Somos Todos Som e do Grupo Boreal.

Com certeza muitas outras conquistarão esse lugar! **T**

Guaraciaba Gissoni

Cadeira 18 - Patrono Judas Isgorogota

RELEMBRANDO OS BONS ANOS QUANDO CONFEDERADOS AMERICANOS ERAM ACOLHIDOS PELO IMPÉRIO BRASILEIRO

*Valdivia
Beauchamp*

Um interessante período da história desses dois países é justo o momento da decisão tomada pela saga, feita pelos confederados, que durante o século XIX, imbuídos da honra de serem suelistas americanos, vivendo grandes transtornos, sociais e políticos, assistindo a transformação de seu território totalmente destruído pela Guerra da Secessão, e ainda, conscientes da segregação aos mesmos, resolveram aceitar a oferta de imigração do Imperador D. Pedro II, com todas as regalias da época do Império.

Cientes de que as consequências dos conflitos entre o Norte e o Sul haviam cessado, agora com mais clareza avistando o futuro da grande nação dos *Yankees* que deixaram para trás — o Norte favorecendo o desenvolvimento industrial interno e a manutenção das taxas alfandegárias, em contraste com o Sul, onde mantiveram suas plantações e a mão de obra escrava, defendendo o liberalismo — os quase 20 mil confederados deixaram sua pátria entre 1866 e 1890, na esperança de encontrar no Brasil uma vida cristã, normal e digna.

O cerne deste conflito foi a escravidão! Em sua estratégia para a presidência, Abraham Lincoln já havia dito: “Em primeiro lugar teremos que formar um grande partido politicamente forte contra a escravidão”.

A Guerra da Secessão aconteceu há 163 anos, e tudo começou com a pressão do Congresso de Montgomery (1861) em estabelecer a formação dos Estados Confederados da América: Carolina do Sul, Geórgia, Alabama, Mississippi, Flórida e Louisiana, cujo presidente foi Jefferson Davis. A ignição, todavia, ocorreu com a tomada do Fort Sumter em 12 de abril de 1861.

Durante os quatro anos desta guerra (1861-1865), o envolvimento das várias famílias de confederados, em sua maioria proprietários de fazendas de algodão, a priori com seus escravos, depois com os negros alforriados - numa grande maioria religiosos do *Bible Belt* (cinturão religioso) -, deixaram os senhores das terras perdidos. O cenário mudou totalmente, todavia a luz veio com a esperança de um novo renascer. Agora estavam voltados para o hemisfério sul, especificamente no Brasil.

Dois grandes líderes se destacaram neste período nos Estados Unidos: o 16º presidente americano, Abraham Lincoln, que assinou o *Ato de Emancipação*, liberando os escravos, gesto esse que veio a favorecê-lo visto que os europeus não queriam defender líderes escravocratas; e Jefferson Davis, presidente dos Estados Confederados da América, que, com seu grande ideal de liberdade, recebeu uma grande homenagem em sua cidade natal Todd County Kentucky, onde lhe ergueram um enorme monumento à liberdade.

No Brasil, o Imperador D. Pedro II, em 1865, sabedor do êxodo dos confederados, ofereceu subsídios para o deslocamento dessas famílias, assim como estabeleceu agências ao redor do cinturão religioso nos Estados Unidos, para captá-los, dando oportunidade de reconstruírem suas vidas. Todavia, desde a chegada dos confederados ao país, nos idos de 1865, eles encontraram uma nação também com problemas relativos à escravatura. No entanto, levando-se em consideração que o africano já era escravo em seu país, e que na África não conhecera a escravidão econômica, essa que facilitou enormemente o lucro das sesmarias no Brasil e das colônias nos Estados Unidos, podemos dizer que viviam desde então no Brasil, uma escravidão patriarcal. Não a viam com a pressão que passaram na América.

Depois da Lei Áurea ter sido assinada pela princesa Isabel, em 1888, os confederados mais uma vez se depararam com a mesma situação enfrentada anteriormente nos Estados Unidos. Apesar de terem vivido com dignidade na cidade de Americana (interior de São Paulo), alguns optaram pela *Via Crucis* e voltaram para sua terra natal, embora muitos tenham deixado para trás duas gerações. Muitos discutiam o período de aprendizado de suas vidas como imigrantes, apontando, de uma maneira explícita, o que aprenderam nos trópicos: a miscigenação, a xenofobia, o racismo, o antissemitismo e o fanatismo religioso. Mas, graças a Deus, poucos foram os que conheceram o “totalitarismo” do presidente Getúlio Vargas, na década de 1930 no Brasil. **T**

Valdivia Beauchamp

Sócia-correspondente – Nova York e Portugal

Em um tempo em que as ruas ainda eram cobertas de terra e o asfalto era uma novidade distante, o futebol encontrava seu palco ideal nas vias poeirentas da vizinhança. As tardes eram preenchidas pelo eco dos gritos alegres e das risadas das crianças que, liberadas das obrigações escolares, reuniam-se para a tradicional partida de futebol. A bola, um improvisado amontoado de meias velhas, era o centro das atenções enquanto os pequenos jogadores, cheios de entusiasmo, escolhiam seus lugares no campo rudimentar. Uma regra não escrita prevalecia: o menos habilidoso assumia a posição de goleiro, enquanto os outros disputavam a bola nas empoeiradas ruas do bairro.

João, aos seus 9 anos, assumiu a posição de zagueiro, inspirado pelo legado de seu pai, que também havia sido um defensor respeitado na Ilha do Sapo, no tradicional bairro do Ipiranga, em São Paulo, mostrando uma paixão fervorosa pelo futebol, especialmente nas partidas do Clube Piratininga, onde se destacava notavelmente.

O primeiro passo de João para além das ruas de terra ocorreu quando ele teve a oportunidade de jogar no Grêmio Esportivo Centenário, localizado na Rua Vergueiro. Aquela experiência representava um novo mundo para o jovem, que via no futebol não apenas uma paixão ardente, mas uma possível carreira profissional. No entanto, as duras realidades da vida impuseram desafios que o futebol sozinho não poderia superar. O salário que João recebia era destinado ao sustento de sua família. Sonhos de uma carreira brilhante no futebol profissional tiveram de ser postergados, embora isso nunca tenha diminuído seu amor pelo esporte.

Com o passar dos anos, mesmo distante dos holofotes do futebol profissional, João manteve e cultivou amizades valiosas com ex-jogadores e aficionados pelo esporte. Essas conexões abriram portas para partidas amistosas internacionais, proporcionando-lhe a chance de viajar e expandir seu

círculo social dentro do universo futebolístico. Essas viagens representavam muito mais do que simples jogos; eram verdadeiras trocas culturais e experiências enriquecedoras.

Hoje, aos 82 anos, João mantém vivo seu ardente amor pelo futebol. Ele trocou a posição de zagueiro pela de meio-campista e agora veste com imenso orgulho a camisa 10 do Clube Atlético Ypiranga. Três vezes por semana, ele se junta a outros entusiastas do futebol para jogar, compartilhar histórias e reviver os gloriosos dias de sua juventude nas poeirentas ruas de terra. A bola de meias pode ter sido substituída por uma mais moderna, mas para João, a essência do futebol permanece a mesma: uma celebração vibrante da vida, da amizade e de um amor incondicional pelo futebol. **T**

Milton Bigucci

Cadeira 05 – Patrono Lima Barreto

ITANHAÉM: A CIDADE QUE CANTA OU QUE CHORA?

*Humberto
Domingos
Pastore*

Para mim é uma cidade que sempre está cantando, sempre feliz. Mas dizem que seu nome, originário da língua indígena, tanto pode ser pedra que canta como pedra que chora. Em todo caso, você pode escolher. Eu já fiz a minha opção, mas para ajudá-lo na sua decisão vou contar alguns causos que ouvi dizer conversando com seu povo, enquanto admirava sua natureza.

O naufrago que ganhou uma Cadeira na Academia de Letras - Apesar de ser de origem holandesa, a história do humanista e escritor Hans Staden inspirou o filme *Como era gostoso o meu francês*. Aventureiro, veio em duas expedições para o Brasil, e na segunda, em 1549, ao ver que a escuna onde estava ia naufragar, salvou-se, nadando até uma praia deserta.

Ao encontrar restos de fogueira, descobriu a aldeia Conceição de Itanhaém, moradia de um agrupamento de colonizadores, que primeiro o acolhe e depois mostra o caminho para seguir viagem, a pé, até São Vicente, onde se torna artilheiro do Forte de Bertioxa.

Um dia, ao se afastar do Forte, é aprisionado pelos índios tupinambás, permanecendo preso por nove meses. Quando é liberto pelos contrerrâneos franceses retorna para a Europa onde escreve o livro *Dois viagens ao Brasil*, que é considerado tão importante e útil quanto as famosas cartas de Pero Vaz de Caminha.

Sua saga é longa, mas, em resumo, pode-se dizer que resultou no merecimento de ganhar a gratidão do povo de Itanhaém, que lhe concedeu um monumento, instalado no Pátio do Casarão no Jardim Savoy, e a concessão da cadeira nº 14 da Academia de Letras Itanhaense.

O cão Moleque descobriu a urna mortuária - No Museu Conceição de Itanhaém, situado na Praça Narciso de Andrade, no centro histórico da cidade, há em exposição uma urna funerária indígena contendo os ossos de um filho de Pajé que na época tinha entre 13 e 17 anos, pertencente ao tronco familiar da tribo tupi que habitava, na época, todo o litoral paulista.

A urna foi encontrada em 1975 no quintal da casa de Ademar Martins Rivera e Maria da Conceição Rivera, localizada na Rua Antonio Olívio de Araujo. A descoberta aconteceu devido ao alarde do cão Moleque, que não parava de latir para um pedaço de chão perto de um abacateiro. Ao cavarem, encontraram a parte superior do crânio e do fêmur. O material foi levado para a Universidade de São Paulo, onde foi estudado, catalogado e depois passou a ser exposto no museu local.

Você sabe o que quer dizer Suarão? - Uma das praias mais conhecidas é a Suarão, e como todas de Itanhaém, é o retrato do perfeito paraíso. Mas o que poucos sabem é que o significado dessa palavra nada tem a ver com suor. Longe disso! Suarão era a denominação que os nativos davam à região e assim ficou preservada. Segundo a versão oficial, o nome vem das raízes tupi: *çuu*, igual a animal de grande porte e o radical onomatopaico *aron*, com o significado de “ronco”, “rugido”. Desta forma Suarão quer dizer: - “A fera fera que ruge”. Gostou? Passe a informação adiante!

O coronel que modernizou Itanhaém – O coronel Joaquim Branco foi uma pessoa muito importante na vida de Itanhaém. No ano de 1917, ele visitou o local e concebeu um plano para o desenvolvimento da cidade, propondo ao então alcaide, Antonio Mendes da Silva Junior, elaborar um traçado, realizar melhorias, fortalecer as instituições públicas e construir casas.

Do seu plano surge a Companhia Melhoramentos de Itanhaém, que colocou em prática a construção de prédios, seguindo projetos ousados para a época, e aperfeiçoamento do sistema de esgoto com as fossas biológicas que escoam

por meio de encanamentos. Desde então, não seria mais permitido que fossem despejados detritos no mar ou nos rios para assim, evitar que se tornassem poluídos.

Definiu-se também a construção do mercado municipal com garagem de automóveis, a balsa para passagem de pessoas e carros, e ainda uma casa de diversões para explorar cinema, teatro, hotel, etc.

A farda do Coronel foi parar no corpo do índio - Existe uma deliciosa história do coronel Joaquim Branco, que na verdade era engenheiro. Um abolicionista convicto e republicano da primeira hora, amava ser sertanista e folclorista. A data de seu nascimento é incerta. Acredita-se que tenha sido em torno de 1860, no Paraná. Órfão, viveu sua infância em Campinas (SP), mas se formou no Rio de Janeiro.

Nos idos de 1915, Joaquim Branco foi agraciado com a patente honorífica de Coronel da Guarda Nacional, mas como era contrário às posturas militares, só vestiu a farda uma única vez, quando, de forma sarcástica, prestou continência a um sentinela.

Anos mais tarde, quando foi acometido de febre tifoide foi salvo por um índio guarani que o carregou nas costas desde o Guaíra até a cidade de Guarapuava onde recebeu o devido tratamento médico. Em retribuição, deu de presente a farda ao índio que apreciou o dólmã, os alamares e a espada, mas detestou as calças...

O dia que o telefone tocou pela primeira vez em Itanhaém - Até 1949 nenhum telefone havia tocado na cidade de Itanhaém. Foi só nesse ano que o aparelho tocou pela primeira vez, e duas autoridades puderam conversar. Do lado de cá, o então prefeito de Itanhaém, Harry Forssell e, do outro lado, o governador do Estado de São Paulo, Ademar de Barros.

A falta de telefone era um grande complicador, em especial para o comércio local que precisava se comunicar com o Porto de Santos para saber dos horários de chegadas e saídas dos navios cargueiros.

O problema foi resolvido quando a prefeitura abriu um estreito caminho no mato, entre Itanhaém e Mongaguá, ao lado dos postes do telégrafo e instalou neles os fios telefônicos que possibilitaram a inauguração do primeiro telefone público que ficava em uma esquina, atrás da Igreja Matriz de Santa Ana. **T**

Humberto Domingos Pastore

Cadeira 19 – Dom Aquino Corrêa

ANNA, A TECELÃ, E OUTRAS MULHERES “FORMIGUINHAS” DE MARTINA FRANCA

Teresa Gentile

Eu me arrependo um pouco em ter deixado as classes rurais multisseriadas. Eu me dava bem com aqueles meninos estudiosos, educados, atentos, cheios de mil curiosidades e muitos sonhos, e seus pais eram realmente louváveis e colaborativos.

Mas a vida inevitavelmente traz mudanças. Eu me formei em Pedagogia, defendendo uma tese dedicada ao meu pai e à obra meritória das escolas populares e rurais em Martina Franca.

Recusei-me a me tornar assistente universitária para pesquisas de Tradições Populares (que eu também adorava) e já havia desistido de frequentar o curso de graduação em Línguas (embora amasse muito Francês e Português). Fui atraída por outros interesses culturais e porque meus pais começaram a envelhecer e eu não me sentia à vontade para abandoná-los. Depois, obtive o diploma universitário de Supervisão Escolar, mas ainda não me sentia realizada, e nem me atraía a hipótese de ter de sair de Martina para ser diretora pedagógica em uma região distante. Eu amava demais minha cidade. Ainda não pensava em namorar, nem em me casar, porque “é uma questão de vida!”. Assim eu dizia a mim mesma, e as experiências de algumas amigas não eram encorajadoras.

Passei no concurso de magistério e finalmente, graças também à pontuação adquirida com os títulos universitários e ao serviço prestado por tantos anos em escolas rurais, entrei nos quadros e tive a alegria de ter minhas turmas na Escola Chiarelli, justamente em Martina Franca.

Fiz questão de que meus alunos tivessem caneta esferográfica e caderno, e muitas vezes os levava para visitar os

cantos mais bonitos de Martina. Uma vez, de volta à sala de aula, eles tinham de fazer um artigo detalhado sobre o que haviam aprendido. Praticamente, tornaram-se meus “correspondentes especiais”.

Já era jornalista colaboradora, havia publicado artigos em periódicos locais como o de Rubino e províncias, e nos jornais *Il Girasole* e *Corriere del Giorno*. Mantinha o noticiário da Rádio Família e uma coluna sobre os talentos de Martina. Além de fazer parte de comissões literárias e artísticas, colaborava com o Movimento Italiano Casalinghe (Moica) regional; com o Parnaso das Musas; para a coluna *Espelho das Excelências*, com Antonella Demola; com a fundação Novas Propostas de Elio Greco; e com a Associação Cristã de Trabalhadores Italianos (Acli), especialmente no período natalino... E assim o tempo livre dos compromissos escolares era vivido em plenitude.

Um dia, dei aos meus alunos a tarefa de pesquisar entre amigos, parentes e conhecidos, pessoas que fizessem seus trabalhos com amor, ou que soubessem escrever poesias, dançar, cantar, tocar ou inventar algo bonito, porque, eu disse: “Tudo o que se faz com amor e que nos dá alegria ao fazer, sempre sai muito bem”.

E meus amados alunos fizeram isso: procuraram muitos talentos e compreenderam que não basta viver em uma cidade bonita e culta, como é Martina, mas é preciso também procurar pessoas que, com seus talentos, contribuam para torná-la ainda mais bonita.

Foi assim que encontramos os poetas vernaculares: Giovanni Nardelli, Benvenuto Messia, Martino Fumarella, Cinzia Castellana, Rosa Muraglia, Raffaele Caforio, Benvenuto Messia, etc.; os poetas já consagrados como Sole Di Giuseppe e Sante Ancona; o artesão da madeira Pasquale Brescia; artistas *naïf* como Milazzo e outros pintores, incluindo Adelina Casavola, Franca Aquaro, e muitos outros. Depois, descobrimos a grandeza de muitas mulheres de Martina que, como pequenas formigas, no confinamento de suas casas, sabiam expressar plenamente sua criatividade e diligência.

Notamos que as costureiras, para confeccionar vestidos, começavam pelas medidas e depois desenhavam as várias partes da roupa em folhas de papel. Elas eram aplicadas no tecido e cortadas sem erros. Depois, as várias partes eram montadas, costuradas com pontos lentos nas marcas desenhadas, primeiro com giz, e depois marcadas com dobras no lado oposto do tecido. Finalmente, faziam a costura provisória e depois a definitiva.

Depois conhecemos Ninodde a capeddère, que andava por Martina dizendo em voz alta: “Capidde pe l’aghe” (cabelos em troca de agulhas). As mulheres corriam até ela e trocavam seus cabelos por vários objetos. Eram cabelos que recolhiam entre os dentes dos pentes e depois ela os vendia a atacadistas de Bari, que os limpavam, selecionavam e enviavam para a França, de onde voltavam na forma de belas perucas. Foi assim que, entre outras coisas, encontramos Amélia, de quem meus alunos compravam bom vinho e alguma gasosa. Fomos a sua *trattoria*, localizada perto da torre onde termina a Via Verdi.

Descobrimos uma mulher dinâmica, dotada de grande personalidade e que foi tão gentil a ponto de oferecer uma almôndega para mim e para cada um dos meus alunos. Ela gerenciava uma *trattoria* frequentada por comerciantes, vendedores de frutas e estrangeiros e, mesmo sem ter frequentado nenhuma escola, era uma excelente conhecedora dos nossos vinhos.

Cozinhava pratos tradicionais e seus clientes ficavam satisfeitos e se sentiam “em família” entre aqueles aromas tentadores de pimentões fritos, *pizzitiddi*¹, omeletes, molhos de manjerição e o canto dos canários em gaiolas. Não entendemos, porém, se o sabor especial dos alimentos que ela preparava (sabores nunca mais encontrados) se devia à sua qualidade ou à gentileza daquela mulher. Ela sorria, movia-se com agilidade, era intuitiva e positiva, perspicaz e honesta em cada expressão. Entrar na sua adega equivalia a carregar-se de energia positiva e bom humor. Havia capasoni², jarras, mesas limpas, flores, quadros bucólicos com cores mediterrâneas, e lá estava ela, Amélia, com seu avental, seu sorriso e seus olhos negros e profundos.

Seus cabelos eram brilhantes, da cor do ébano, e suas mãos estavam em movimento constante entre copos, panelas, vasos transbordando de manjerição e salsa. Suas risadas transmitiam seu otimismo franco. Sabia acolher cada pessoa com um *bencivenga* (bem-vindo) ou um *vossignoria* (Vossa senhoria), em uma harmoniosa síntese de dialeto italianizado.

Depois encontramos Jannodde, que morava em um porão na Via Orsini. Sabia cardar, fiar e bordar. Tinha um cardador com o qual preparava a lã para a fiação e tinha mãos magras, sardentas e ossudas. Ela colocava na parte fixa do equipamento alguns tufos de lã, esfregava sobre eles uma tábua revestida de agulhas e, em poucos segundos, produzia um fio muito delicado, não compacto, redondo e uniforme. Depois, fiava usando o fuso (um instrumento de madeira do tamanho de uma palma, reto e mais grosso no meio e fino nas duas extremidades). E tinha o arco, que servia para desenrolar e era feito de varetas de madeira ao redor das quais se colocava a meada que, girando em um eixo, se desenrolava. A fiandeira prendia uma ponta do fio de lã na ponta do fuso e o fazia girar, cair no chão e girar sobre si mesmo como um pião. O fio de lã se tornava compacto e se unia a outro fio, formando a meada no arco.

Fomos também à casa da tecelã Anna Fumarola. Ela nos recebeu com infinita gentileza em sua casa limpa, digna de uma fada. Era um ambiente sublime, belo e perfumado, localizado no centro histórico. Em uma mesa havia *orecchiette*³ recém-feitas para algumas *trattorias* locais. Foi amizade à primeira vista entre nós e, ao primeiro cruzar de olhares, intuí a presença de uma mulher trabalhadora, semelhante às que conheci na Cupina (Puglia). Mulheres que, como carvalhos, sabem resistir às tempestades da vida e, com determinação, sabem oferecer uma vida digna aos filhos, graças a um trabalho duro, mas honesto. Foi assim que ela abriu seu coração para mim.

Soube que ela havia trabalhado nos campos, colhendo tomates e azeitonas, e participado da vindima. Depois, sentiu-se realizada fazendo *orecchiette* e, sobretudo, por continuar a manter viva a antiga arte do tear. O fuso, o arco e os outros instrumentos, sempre muito brilhantes e usados todos os dias, estavam ali ao lado dela. Incansável, ela tecia lençóis, co-

bertores, panos listrados... e era realmente feliz. Ninguém a obrigava a trabalhar tanto, mas ela amava aquela lida árdua. Ela nos mostrou seu lindo tear manual e como vários mecanismos eram manobrados por suas mãos ou por meio de pedais. O equipamento era formado por uma estrutura de madeira com montantes e travessas, onde estavam os rolos de entrada e de saída, os liços⁴, o pente, as roldanas, os contrapesos.

A tecelagem envolvia várias etapas: enrolar, desenrolar, preparar os canudos e o rolo - com muito cuidado - porque disso dependia a qualidade do tecido, e, finalmente, encher os liços e o pente, e tecer. Ela agia com os pés nas alavancas dos pedais, fazendo os liços subirem e descerem alternadamente, de modo a separar os fios da urdidura, através dos quais passavam os fios da trama. Puxando o batente para si, a tecelã permitia que o pente aproximasse o fio da trama dos anteriores, formando gradualmente o tecido. Depois, ela nos fez admirar várias peças de enxoval e roupas que havia feito.

Com a fineza digna de uma senhora, ela nos ofereceu um gole de água, um pacote de *orecchiette* e tudo, absolutamente tudo, de seu coração. Era uma mulher ainda capaz de oferecer gentileza aos estrangeiros, característica de nossos antepassados e que conquistou muitos viajantes ilustres, entre eles D'Annunzio. Prometi a mim mesma que, como professora, jornalista e operadora cultural, faria várias manifestações, envolveria associações femininas então muito dinâmicas na região, para que a arte da tecelagem não fosse esquecida.

Agora chega o momento de passar o testemunho desse propósito para novas associações como a Cutizza, o Valle d'Itria Live Channel, Ti amo Martina e as associações de Vita D'Amico e Lucia Torricella, entre outras. Estou certa de que todas elas, juntas, saberão preservar do esquecimento antigas competências de trabalho, saberão redescobrir e fazer uso de ferramentas típicas de trabalhos do passado e evitarão que o último tear acabe em uma grande fogueira, transmitindo às novas gerações as competências necessárias para que esses trabalhos preciosos, que tanto bem-estar nos trouxeram no passado, possam voltar a constituir bases sólidas para o ressurgimento da criatividade.

Termino meu texto com outra querida lembrança ligada ao encontro com a tecelã Anna. Na sala de aula, disse aos meus alunos:

“Pessoal, Martina teve muitas mulheres como Anna, que criaram tecidos muito bonitos com seus teares. Hoje, Martina Franca, de cidade dos casacos, está se tornando uma cidade emblemática da moda do sul, porque aqui ganhará vida o Instituto de Moda Archimede e haverá um perfil virtual oferecido pelo Parnaso das Musas, pelos Portici d’Estate, pelo Festival da Valle d’Itria e pelas manifestações promovidas pela Fundação Novas Propostas de Elio Greco. Nunca se esqueçam de que a história da moda aqui tem suas raízes desde a fundação desta cidade, em 1310. Por isso, cabe a vocês transmitir essa história às gerações futuras. Porque sem o passado não se pode avançar para um futuro melhor.

E então, o tear que vocês puderam admirar em tantos outros lugares hoje é raro. Com o tempo, assumirá a importância de um relevante fator intercultural. Pensem que um tear semelhante ao que vocês viram hoje era usado também por mulheres gregas, albanesas, francesas e espanholas que aqui, no Valle d’Itria, aprenderam a conviver de forma pacífica e trabalhadora. Em 1368, em Martina, ocorreram as primeiras feiras. Os vendedores de tecidos eram homens, mas... os tecidos vendidos haviam sido produzidos pelos mais de 300 teares das mulheres de Martina.

Elas trabalhavam por longas horas e, não satisfeitas com as fadigas do dia, continuavam os trabalhos à noite, sob a luz das lamparinas. A abundância de lã e a necessidade de arcar com as despesas familiares levaram as mulheres de Martina a se dedicarem à tecelagem. Em casa, com seus teares, balançavam simultaneamente os berços onde descansavam seus bebês e teciam tecidos muito resistentes para o trabalho nos campos, capazes de enfrentar o frio e a chuva. Também teciam o rigatino, que era um tecido de algodão cru com listras finas, brancas e azuis, usado para fazer aventais de casa e calças de trabalho para os homens. Mais tarde,

começaram a confeccionar lençóis e peças de enxoval que eram adornadas com bordados refinados, jaquetas e perneiras, tornando-se costureiras.

Quando os homens partiram para a Primeira e para a Segunda Guerra Mundial, as mulheres começaram a fazer também uniformes militares e a vender peças de vestuário. Trabalhando de forma honesta, a mulher demonstrou merecer respeito mesmo em um contexto fora das paredes de casa. As peças vendidas primeiro nos países locais alcançaram fama, por conta de sua qualidade e resistência, espalhando-se também para o exterior. Agora, entre as mulheres de Martina, há muitas confeccionistas e gerentes, como Rosa Maria Vinci”.

E então, Ottavio Cristofaro, um dos meus alunos, disse: “Conservar os teares e transmitir às novas gerações a arte de ainda saber utilizá-los é uma forma de resgatar do esquecimento uma história tecida por nossas mães e avós”. Eu disse a ele: “Essa história é tecida de paz, sensibilidade, amor pelo belo e operosidade marcadamente ‘feminina’”.

Só mais tarde vim a saber que essa mesma história, no mesmo período, em Martina, estava sendo estudada e reavaliada pela Escola Média Battaglini, pelo Instituto de Moda Archimede, pelo Liceu Tito Livio e também pela Escola Média Rural de Carpari, graças a um professor que eu ainda não conhecia: Angelo Raffaele Cofano. E bem, também no mesmo período, graças ao poeta Sante Ancona, descobri que justamente em Carpari estava o local onde, outrora, se erguia a antiga cidade das Ferriere Badesse Monte del Forno, em cujo território foram encontradas muitas escórias ferrosas que testemunhavam a existência, no passado, do primeiro centro siderúrgico da Itália, junto a fragmentos de teares antiquíssimos. Em outra ocasião, outro dos meus alunos, Uccio, me disse: “Professora, quando eu crescer, farei de tudo para salvar o último tear que ainda restar em Martina”.

Adotar um tear, o último tear, e voltar a utilizá-lo é um sonho? Espero que não seja!

E bem, Ottavio, Donatella Serio, Hilary Bombagio, Giuseppe Convertini (o mais bonito da Itália), Uccio e outros... já demonstravam amor pelo jornalismo e pela terra natal... e isso me fez ter esperança de que um dia o último tear seria adotado. Assim termina nosso encontro de hoje com a lareira onde ardem as lembranças. **T**

Teresa Gentile

Sócia-correspondente - Taranto (Itália)

Texto traduzido por IA.

NOTAS

¹ Comida tradicional.

² A palavra significa grandes recipientes de terracota, tradicionalmente usados na região da Puglia, na Itália, para armazenar líquidos como vinho, azeite ou água.

³ A palavra *orecchiette* refere-se a um tipo de massa italiana em forma de pequenas orelhas. É uma especialidade da região da Puglia, no sul da Itália.

⁴ A palavra *liços* refere-se aos fios ou cordões usados em teares para levantar e abaixar os fios da urdidura, criando a abertura por onde a trama é passada. Eles são essenciais no processo de tecelagem.

O DOM QUIXOTE QUE EU QUERIA TER SIDO UMA BREVE INTRODUÇÃO - PARTE 1

Flávio Mello

Conhecer o município de Siqueira Campos, no norte do Paraná, por mais de duas décadas não fora o suficiente para eu me encontrar com esse artista que hoje, digamos que de forma positiva, me inquieta, como me perturbam as pinturas de Salvador Dalí, a escrita de José Saramago e a música de Johann Sebastian Bach. As ruas de nossa cidade não emitem os acordes necessários para ouvirmos o quão importante foi esse incrível e versátil artista. Assim como as mesmas ruas não desenham ou pintam, em cores performáticas, a história de Jefferson Cesar. E por fim, não vejo sua história escrita como deveria ser.

Há livros importantes sobre a cidade, que já se chamou Colônia Mineira, - obviamente por conta dos mineiros que vieram para cá no século passado -, em especial os escritos por Joaquim Vicente de Souza, outro que, assim como Cesar, está longe de ter o respeito devido. O fato é que depois de alguns anos à frente do Departamento Municipal de Cultura, pude “minerar” centenas de artistas, alguns estavam destacados na superfície da cidade, outros nem tanto e, muitos, distantes dos olhos míopes de quem os deveria cuidar e zelar, e, na minha opinião, Cesar, infelizmente, é um desses.

Passei dois anos procurando materiais para suprirem a pesquisa que desejava, uma demora cansativa, que só teve fim ao receber das mãos da filha e herdeira de seu espólio, muitos itens importantes, que agora farão parte desse compêndio Jefferson Cesar, ou desse ensaio despretensioso que início com esse “pré-prefácio”.

A questão que trago é – diante de uma verve tão intensa de arte, por que nosso município passou tanto tempo em um

cenário desértico cultural? Por que um personagem como Cesar, assim como muitos outros, não estão em destaque como deveriam? Perguntas das quais sei a resposta, mas que agora apenas tirariam o brilho que trago para esse estudo.

Vejo na obra de Cesar um quê de Dalí – seja em suas construções rígidas e arquitetônicas, em esculturas que beiram o dadaísmo, seja nas rendas em bronze sobre as curvas de mulheres, seja nas pinceladas de delineiam a natureza morta, ou mesmo nas araucárias desfragmentadas como pingos de óleo sobre a superfície da água. Mesmo em seu precioso figurativo, Jefferson Cesar consegue, de forma irônica, beijar o surrealismo – haja vista as rendas em janelas de casarios, nos óleos sobre tela, que roubava e retalhava das roupas de sua esposa, sua musa em diversas obras.

Vejo em Cesar a construção maciça e em blocos eternos dos parágrafos de Saramago, pois sua obra, em muitos momentos, é uma enorme e proposital reticência, uma vez que o artista sabia muito bem construir o silêncio em suas obras – assim como em seus elmos, onde rostos sisudos se calam entre latão, bronze e materiais recicláveis ao alcance de suas mãos.

Vejo em Cesar a música barroca de Bach e se isso lhe soa estranho, parabéns, a obra de Cesar irá te atingir, assim como o artista desejava que atingisse, assim como me atingiu. Pode parecer uma retórica medíocre o que aqui descrevo, mas para mim a obra de Cesar tem a mesma complexidade de Bach e, ao mesmo tempo, uma simplicidade inacreditável – um teorema infinito sob a luz de um prisma.

E por fim, Cesar é o Dom Quixote, um Dom Quixote contemporâneo, como disse Fernando Bini, e quem eu queria ter sido. Hoje compreendo o fascínio que tenho pelo personagem centenário de Cervantes, a ligação direta que alunos, amigos e artistas veem em mim. Eu estava predestinado a conhecer Jefferson Cesar por uma pintura surrealista na parede do Museu Histórico, abandonado e devorado por cupins... primeiro salvei quase uma centena de obras, incluindo 30 de Cesar – o que tardou o início desse audacioso projeto.

Eu passei décadas da minha vida querendo ser, oniricamente, Dom Quixote - imaginando a geografia espanhola, ou sua geoarte. E o Dom Quixote real estava muito perto de mim, a poucas horas de distância... na realidade, duas décadas, pois foi preciso que eu me mudasse de São Paulo para o Paraná, para que Jefferson Cesar e eu nos conectássemos, e assim foi feito. Hoje me sinto, ao lado de sua filha Beatriz Cesar, um dos guardiões de sua obra. Acredito que uma daquelas cabeças que seus pesados elmos vestem seja a minha. **I**

Flávio Mello

Sócio-correspondente - Siqueira Campos (Paraná)

REFERÊNCIAS

Documentos inéditos (recortes, artigos de jornal, entrevistas, fotografias e curtas-metragens) cedidos pela filha do artista, Beatriz Cesar.

MANONI, Edson. Jefferson Cesar, *O Dom Quixote Contemporâneo*. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Coordenação de Pós-graduação – Curso de Especialização em História da Arte e de Arquitetura). 1994.

O TÚNEL DO TEMPO

*José Bueno
Lima*

Naquele belo domingo de início da primavera, Márcia, Alberto e os sobrinhos, Marília e Gabriel, conforme planejaram, já estavam na plataforma dois da estação ferroviária de Santo André, às 9h. Todos ansiosos para chegarem ao destino, Paranaapiacaba, onde estava sendo realizada a I Fliparanapiacaba, uma feira de literatura promovida por um grupo de literatos de Santo André.

A chegada da composição não demorou. Sua lotação estava regular, de modo que o grupo não teve dificuldade em adentrar no trem, e de se acomodar num conjunto de poltronas próximas.

Paranapiacaba, como todos sabem, trata-se de um distrito histórico do município de Santo André, que nasceu em virtude da construção, por ingleses, da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. Eles passaram a explorar o transporte, originando, no local, uma típica vila inglesa.

Ela fica bem no alto da Serra do Mar. Dali, como o significado do nome indica, traduzindo-se do tupi-guarani, avista-se o mar, numa paisagem deslumbrante. Seu trajeto até o litoral é íngreme, sendo que a descida de trem é feita através do chamado sistema *endless rope* (traduzido como cabo sem fim), o funicular. O cenário é maravilhoso, pois, além da mata densa, há inúmeras cachoeiras, atraindo os praticantes de esportes radicais, que utilizam o caminho para chegarem ao litoral. É deveras perigosa a descida a pé, sendo comum grupos se perderem durante o trajeto.

Bem, além de usufruírem da beleza natural do lugar, Márcia, Alberto e os sobrinhos, iam com o objetivo de visitar a feira de literatura, como amantes que são de livros.

A viagem não é demorada, mesmo porque, após a parada em Santo André, a composição segue direto até o local desejado. Sendo uma região montanhosa, a estação férrea

fica na parte baixa da vila, enquanto as atividades da feira, no Clube Lyra Serrano, se realizam na parte alta.

Porém, ao descerem do trem algo inesperado e diferente aconteceu.

Uma nuvem, uma bruma desceu sobre eles, não demorando mais que alguns segundos, e eles se viram saindo de um verdadeiro túnel do tempo, vestidos à moda da época imperial, na qual viveu Irineu Evangelista de Souza, o Barão e Visconde de Mauá, idealizador e patrocinador da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, em 1867. Os construtores ingleses denominaram-na São Paulo Railway Company - SPR.

Seria sua inauguração. Num lampejo, leram cartazes anunciando a presença, naquela hora e dia, daquele a quem se devia a existência do lugar, o Visconde. O Imperador Dom Pedro II, por motivos de saúde, não pode comparecer.

Todavia, tal como aconteceu, em segundos se deu a volta à realidade, e Márcia, Alberto, Marília e Gabriel seguiram o caminho em direção ao local do evento, ainda aturdidos pelo insólito acontecimento de que foram personagens.

Por alguns momentos, foram como membros da corte real brasileira.

Dias depois, pela manhã, encontraram sob a porta de casa, fotografias dentro de um envelope onde se lia: “Com os cumprimentos do Senhor Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá...”. **T**

José Bueno Lima

Cadeira 14 - Patrono Álvares de Azevedo

CALÇADÃO DA RUA CORONEL OLIVEIRA LIMA

*Hildebrando
Pafundi*

No dia 13 de abril de 2010, uma terça-feira, por volta de 19 horas, estive na Casa da Palavra, em Santo André, participando de um bate-papo bem-humorado sobre o calçadão da Rua Coronel Oliveira Lima, com Robson Tiranpani Mendes (colunista do jornal *O Calçadão*) e outros convidados, para contar um pouco das histórias que envolvem esse lugar central da cidade e suas proximidades.

O jornal *O Calçadão* é quinzenal, e o conheço desde o primeiro número, tendo como diretor responsável, o meu amigo e jornalista Chiquinho Palmério, e outro amigo, o Juca Sanfins, no departamento comercial. É um tabloide de oito páginas, que está estava completando naquela data, dois anos de circulação, contando também com crônicas de Waldir Franchischetti e a coluna *Palmério Comenta*, além de reportagens e notícias gerais.

Durante o bate-papo na Casa da Palavra, coordenado pelo Cassiano Ricardo Tirapini (filho do Robson), o Sanfins contou muitas histórias a respeito da Oliveira Lima e sua ideia de criar um jornal local, desde quando essa via deixou de ter circulação de veículos. Explicou que, a princípio, seria um suplemento do *Diário do Grande ABC*, mas quando estava fazendo as tratativas, o jornal foi vendido. Tempos depois, num encontro com o Chiquinho Palmério, acabaram lançando *O Calçadão*.

Robson Tirapini também contou suas histórias sobre os desfiles de Carnaval, leu trechos de algumas crônicas e entregou aos presentes cópias xerográficas de vários textos.

Fui convidado a me manifestar, porque nasci em São Paulo (Capital), mas moro em Santo André desde 1943, quando minha família se mudou para um dos tradicionais

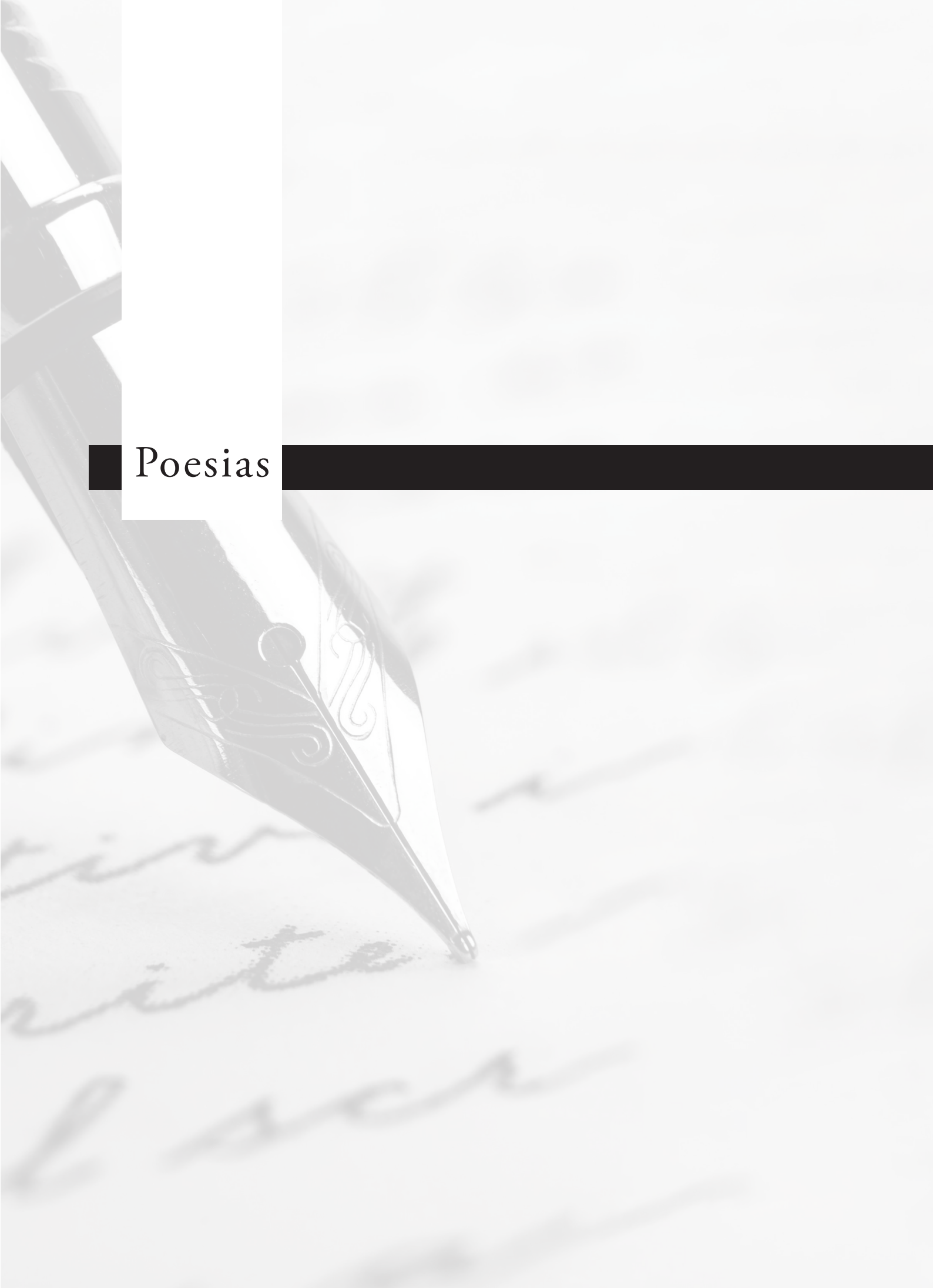
bairros desta cidade, a Vila Assunção. Pouco antes de ser convidado, expliquei que havia lançado um livro de minha autoria, *Cotidiano e Imaginário do Ano 2000 (diário)*, editado em 2007, no qual publiquei uma crônica falando sobre a Oliveira Lima, a Praça do Carmo, a Casa da Palavra e proximidades.

O calçadão da Rua Cel. Oliveira Lima foi construído na gestão do prefeito Celso Daniel, já falecido. Ele foi responsável pela parte da cobertura do local e dos bancos instalados ao longo da obra para pedestres. A cobertura parou perto da obra *Concreção 0005*, escultura de Luiz Sacilotto, instalada na Rua Coronel Oliveira Lima, hoje afixada no Jardim das Esculturas da Casa do Olhar Luiz Sacilotto.

Em recente entrevista durante as comemorações de aniversário de 471 anos de Santo André, no dia 8 de abril de 2024, o prefeito Paulo Serra disse que pretende contratar uma empresa para futuras obras no calçadão e, dentre as intervenções previstas, está o término da cobertura. Outro plano governamental é fazer com que o comércio da Rua Coronel Oliveira Lima passe a funcionar 24 horas por dia.

Outro calçadão de Santo André tem início na Rua Senador Fláquer, seguindo até a frente e passando pela lateral do Cine Teatro Carlos Gomes. Esse calçadão não tem cobertura, mas possui bancos em todo o trajeto, que é só para pedestres. **T**

Hildebrando Pafundi
Cadeira 23 – Patrono Tristão de Athayde

A close-up, high-angle photograph of a fountain pen's nib as it writes on a piece of paper. The pen is dark with silver-colored accents and a decorative scroll design on the nib. The ink is a dark color, and the writing is in a cursive script. The background is a light, textured surface, possibly a book cover or endpaper, with a vertical white strip on the left side. The word "Poesias" is printed in a serif font, centered horizontally across the white strip.

Poesias

PALAVRAS

Palavras expressam vida, aroma, cores, sons, energia, musicalidade, movimento,
paz, amor, felicidade, esperança,
luz e harmonia, quando utilizadas com sabedoria.

No entanto, como ganham vida nas mãos ou na voz de quem as escreve ou as
profere, se mal utilizadas transmitem tristeza, destruição, vazios, contendas,
mesquinhez, escuridão e inutilidades de todos os gêneros.

Por isso refletir nunca é demais, até porque na reflexão reside a capacidade
de se aprimorar o espírito, de se compreender o sentido da vida,
das palavras transmissoras de bons sentimentos dentre eles o amor ao próximo,
um dos dez mandamentos de Deus.

Corações perversos não fazem versos e não raras vezes o correto se revela no reverso,
por isso julgamentos ou posturas impensadas
caminham para a vala da segregação.

Por falar em versos, versando sobre a vida, esta de breve nos assusta.
Corre apressada feito o rio para o mar.
Mar, berço de sonhos, morada das sereias, santuário líquido criado por Deus,
que por nos amar desmedidamente dentre tantos tesouros
nos ofertou esta imensidão azul.

Como azuis são as palavras lívidas, serenas, amorosas, fraternais,
construtivas, incentivadoras, esperançosas e solidárias,
todas abrigadas no infinito dicionário do amor fraternal,
obra única para o encontro da paz interior, lembrando que querendo ou não
os seres humanos revelam nas atitudes cotidianas o nível de paz
e equilíbrio que carregam no coração.

Universos isolados geralmente são escuros, úmidos, tristes, inóspitos,
incapazes de abrir a mínima fenda para a entrada do sol
ou permitir a prática da razão.

No emaranhado de palavras onde letras abraçam ou guerreiam,
se amam ou se odeiam a razão se mostra o fiel da balança.
Basta que se reflita para que esta se manifeste de pronto para socorrer os incautos
despejadores de letras tristes, destrutivas, amargas.

Razão aliada à sabedoria e a consciência da brevidade do tempo;
da importância da contribuição de cada um visando
a construção de um mundo melhor através de atitudes positivas,
de posturas éticas, da prática da dialética.

Manifestações negativas ou julgamentos em relação ao próximo,
rosários de palavras negativas proferidas de graça revelam em síntese
que os atores habituados a estas posturas carecem de urgentes ajustes
nos quesitos aprendizado e simplicidade.

As palavras ácidas, antes de atingirem o semelhante corroem quem as profere,
ao passo que aquelas tecidas com a brandura das almas cientes do aprendizado,
são capazes de proporcionar alegria para quem as recebe
e uma indescritível paz interior para os que as compartilham.

Alento, encanto, acalanto, canto de paz,
doce melodia que o coração inebria transformando a dor em infinita alegria,
sentimentos transformadores capazes de transformar o mundo,
como o aprendizado nos faz compreender
o sentido da palavra amor. **T**

Ana Stoppa

Cadeira 09 – Patrono Rinaldo Gissoni

CANTEIRO DE SEDUÇÃO

A vida,
o corpo,
o espírito!
O tempo,
a carne,
o amor!
A flor,
seu espinho,
seu perfume!
Meu desejo,
minha farsa,
minha dor.
A hora envelhece a dor,
a morte corrói a carne.
A hora se vai em minutos,
a fome vê chorando a criança.
A saudade entristece um coração,
de desejos se enche o infeliz.
De amor se perde na loucura,
de paixão se perde a esperança.
De felicidade se aquece um motivo,
de esperança se acende o amor.
De tristeza se encerra um passado,
mas a primavera faz nascer a flor.
O sol nos dá o calor,
nos dá a luz
e a esperança,
e faz nascer em nós
um novo dia,
e a confiança.

Se meu corpo
beijar
uma flor
minha alma
verá
compaixão.
Se meu corpo
matar
uma flor
minha alma
não verá
perdão.
A vida me deu um corpo
e o espírito me faz pensar
que o tempo faz minha carne
crescer, viver, amar!
A flor faz da nossa vida
um canteiro de sedução
enquanto levar na alma
a pureza de coração.

O TEMPO NÃO PERDOA

Se me dissessem
um ano atrás,
que eu não teria
meus bons momentos
diria, sem pestanejar.
Que as más línguas,
que proliferam nas ruas,
apenas sopram aos ventos.
Cansei de ouvir histórias,
de suposições inacreditáveis,
de previsões negativas
e até de sonhos descabidos.
Não acreditava, é claro,
pois os olhos da maldade
enxergam pontos existentes
em geral desconhecidos.
O tempo passa,
a vida também!
A gente não se conforma,
mas a mudança se faz presente.
A roupa não é a mesma,
o sapato gastou a sola,
o meu rosto criou rugas,
não uso mais o pente.
Não posso subir escadas,
meu joelho não se dobra,
não leio mais os livros
que me ensinaram a viver.

Nem mesmo a boa comida
que tanto me fazia bem
não me deixa mais refeito,
já não sinto mais prazer.
Chegou, então, a hora
de relembrar o passado,
de rever as previsões
que as más línguas cuspiram.
E não é que foi verdade?
pois agora entendi
que o tempo não perdoa
e nem as horas conspiram.

QUATRO CAVALOS, CASTIGO DAS NAÇÕES

Os males que o mundo tem
vêm de longe e nós sabemos!
São terrivelmente pesados
e transportados por cavalos.
São quatro desses animais,
fortes como o diamante,
que carregam em seus dorsos
pesados fardos, pois são vassalos.
Espalham pelo mundo o castigo
sem dó e sem piedade.
Por onde passam deixam rastros
tão profundos e doloridos.
Machucam os inocentes,
ferem profundamente as consciências
subjugando pelas entranhas
os corações descoloridos.
Isso vem de há muito tempo
desde que o mundo é mundo!
A maldade descobriu o mal
e utilizou-se de seu poder.
Os maus se valeram disso
e lembraram que o coração
só atrapalharia a razão,
então, o comando poderiam perder.
Muniram-se de instrumentos
em todas as áreas possíveis
para controlar os fracos
e estes, por fim, capitularam.
Então criaram a fome,
a peste, a guerra e a morte.
Cada um seguiu no seu cavalo,
e até hoje os cavalos não pararam.

O primeiro cavalo
leva em seu dorso
o imponente cavaleiro
que projeta em seu peito
desenhar o novo mapa.
Mapeando cada parte
do nosso grande mundo
quer impor o seu poder
e governar cada nação
com sua espada e a capa.
Pela sua inteligência
foi capaz de conquistar
todo o ouro disponível
para poder limitar
tudo o que se consome.
Pois o tudo lhe pertence
e isso lhe garante
o poder de ordenar
a quem terá banquete
ou quem sentirá FOME.

O segundo cavalo
leva em seu dorso
o imponente cavaleiro
que projeta em seu peito
satisfazer um ideal.
Ao criar um instrumento
capaz de virilizar
e tão forte, tão potente
que, certamente, fará
um tempo sem igual.
Pois o medo corrói a alma
pela desinformação.
Perde-se a noção
de tudo ao redor
e que ninguém se manifeste!
Espalha a todos o terror
de ser contaminado
por aquilo que não se vê.
Cresce a dor de ser comido
pela doença; surge a PESTE.

O terceiro cavalo
leva em seu dorso
o imponente cavaleiro
que projeta em seu peito
proliferar o mal.
O forte se faz mais forte
com armas se fortalece
com o poder nos emudece!
Salve-se quem puder,
pois nada é normal!
Nações são dominadas,
pois as bombas ali lançadas
causam baixas e podridão
e choro das crianças
abandonadas por sobre terra.
Assim se faz a paz
dizem os combatentes!
E do alto comando gritam;
matem, matem, destruam.
Assim se faz a GUERRA!

O quarto cavalo
carrega em seu dorso
o imponente cavaleiro
que projeta em seu peito
refazer o mundo.
A vida pouco importa,
pois ela é desnecessária!
Venham corpos e mais corpos
despojados do viver
e jogados num buraco fundo.
Sem dó, sem compaixão
seguem aqueles corpos
carregados pelos algozes
entre risos e piadas,
leste a oeste, sul e norte.
O último cavaleiro
conclui o quadro do egoísmo
carregando o seu troféu
por sobre corpos malcheirosos
garantidos pela MORTE.

Os quatro cavaleiros
imponentes como vassalos
também podem sucumbir
se pararmos seus cavalos
com vontade e inteligência.
Para isso é necessário
ter a mente recomposta
pelo bem da humanidade
e pelo coração purificado
pela vida na ciência.
Livrai-nos Senhor
desses quatro cavalos
que levam em seus dorsos
os males que sufocam
milhares de corações.
Senhor que faremos, então?
Mataremos os cavalos?
Pois eles são os culpados
por carregarem em seus dorsos
o castigo das nações.

A SOBREVIDA

Deixe-me olhar
bem no fundo
dos teus olhos,
para ver o brilho
insinuante
do desejo.
Tire-me do vácuo
temeroso
de tocar-te a face,
mas antes
liberte o todo
que em ti vejo.
Faça de mim
a sobrevida
que te aplacas,
trazendo à baila
os teus motivos
que destacas.
Juro que eu
serei o tudo
que tu queres.
E além do mais
vou completar
os teus misteres.

FLORES PELO CHÃO

Que felicidade eu sinto
ao ver as flores nos campos
embelezando a natureza
que se faz presente!
Mas presente mesmo
é o seu encanto
que se vai ao longe
maravilhando a semente.
Que se vai refazendo
os viveiros da terra,
renascendo as certezas
de um mundo melhor.
Quem me dera ser um criador
para pôr em cada canto
um nascedouro de encanto
tal qual o meu Senhor.
Mas por que o homem
tem que se meter
naquilo que só um Deus
é capaz de refazer?!
Mãos pecaminosas
desfazem as maravilhas
que a natureza amorosa
graciosamente nos dá para ver.
Se as flores caem pelo chão
é porque sementes da abundância
tornam-se presentes
da bondade do Criador.
Entender a harmonia
das flores do meu jardim
só nos campos da sabedoria.
Se vier para mim! **T**

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes

Cadeira 01 – Patrono Gustavo Teixeira

UM PEDAÇO DE PAZ

Sons distantes, sons próximos
um pedaço de paz
falta a memória, flutua o destino,
um pedaço de paz
apenas um pedaço
para não cair no esquecimento.
Dorme a noite
entre choros distantes, choros próximos
nas gavetas agora vazias da história
imagens a passar perturbadas,
um pedaço de paz
para não esquecer,
apenas um pedaço
para ainda ter esperança.
Crepitações ouvir, mistério irrompe
sentados à janela
um choro suave surge
em faces apagadas e mudas de amor.
Vidas ao fim
o inverno chega entre sonhos perdidos
um coração cansado chorando,
por um abraço ausente
um pedaço, apenas um pedaço
que ainda espera, anseia
entre as espirais de um mundo de paz
ainda longe de se tornar realidade. **T**

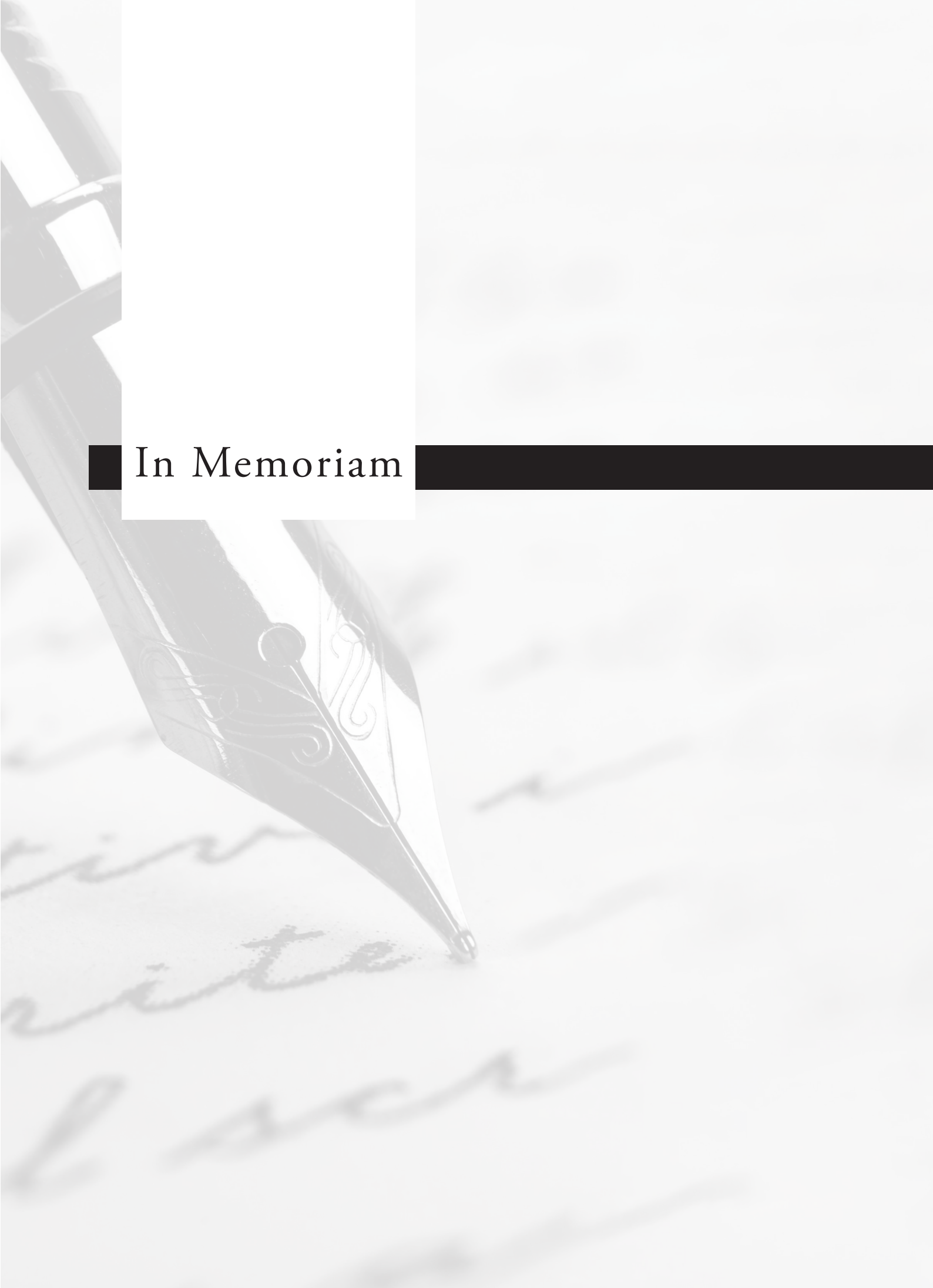
Taranto. Sábado, 7 de janeiro de 2023.

Poesia nº3.712

Texto traduzido por IA.

Giovanni Monopoli

Sócio-correspondente - Taranto (Itália)

A close-up, grayscale photograph of a fountain pen's nib writing on a piece of paper. The pen is positioned diagonally from the top left towards the bottom center. The nib is in contact with the paper, and a small droplet of ink is visible at the tip. The background shows blurred cursive handwriting on the paper. A white rectangular box is overlaid on the left side of the image, containing the text "In Memoriam".

In Memoriam

AS ESTAÇÕES

(transcritos do livro *Brumas – poemas*)

Ela chegou, em plena primavera,
De olhos azuis, as faces cor de rosa,
Alegre, sorridente e venturosa,
Que até supus fosse ela a primavera.

Trouxe suaves eflúvios à atmosfera,
Revelando-se grácil e radiosa,
E de tal sorte franca e calorosa,
Que eu disse: eis o verão, o sol verbera!

Toda a força do outono estava nela,
Simbolizando o amor gratificante
Em nós nascido acrisolado e terno.

Ao evolir-se a luminosa auréola
Ficou em mim, a bruma apavorante
De um gélido, tristíssimo inverno!...

RETROSPECTO

Chego, afinal; tamanha era a saudade!...
Após desilusões e desenganos,
Eu quis rever as ruas da cidade
Em que passei, feliz, meus verdes anos!

Dos sonhos inocentes anos vesanos,
Nada restou da sua fatuidade...
Nos semblantes outrora soberanos,
Nem um traço ficou da mocidade...

Que fizeram das árvores frondosas,
Dos jardins de crisântemos e rosas
E dos belos sobrados coloniais?...

Nada restou, senão uma ferida:
— A lembrança profunda e dolorida
Dos áureos tempos que não voltam
mais!...

QUANDO ABRAÇAR-TE

Quando abraçar-te, quando enfim puder
Sentir, mais uma vez, o teu calor,
Pousando os lábios na doçura em flor
Dos lábios teus, sob um teto qualquer...

Tantas graças darei, e nem sequer
Lembrarei de mortal saudade a dor...
Não mais verei tristezas do sol-pôr,
Somente a primavera rosiclar...

Quando nos encontrarmos, novamente,
Tudo estará em festas! Céus e mares
Confundir-se-ão no sangue do poente...

Aves canoras cantarão nos ares,
As velas vogarão tranquilamente,
Lírios e rosas se abrirão aos pares!

TERNURA

Fui visitar-te, minha amiga, e entrei
Pouco depois de ter anoitecido...
Estavas tão sozinha, e eu te estreitei
Num longo abraço, terno e comovido.

No decorrer da noite murmurei
Palavras de ternura ao teu ouvido;
Quanto calor nos beijos que te dei,
Num transporte de amor jamais vivido.

Doce alegria a de ter ido, para
Nos meus afagos dar-te uma ventura
Indefinida e estranhamente rara,

Mas tu não viste o meu contentamento
Nessa noite de febre e de loucura,
Se fui ver-te, querida, em pensamento. **T**

HAICAIS

(transcrito do livro
Quando Renasce o Amor)

A lua dolente,
Uma mulher soluçando,
o amor é ausente.

Alguém desprezado
vive no tédio e amargura.
Destino traçado.

Viver sem um homem,
mulheres angustiadas
em dor se consomem.

Saudade é uma flor
que nasce no coração
magoado de dor.

Amo a liberdade
Sou passarinho voante
pela imensidade.

Deus criou o mundo.
Tirou o primeiro homem
de um sono profundo.

Minh'alma transita
pelas montanhas, encostas,
e solta levita.

Morrer como as flores,
devagarinho, caindo,
em seus estertores.

Nos teus olhos ver
o que sonhei tantos anos
e esmorecer.

De rastros caminho
por rumos calcinados,
cheios de espinhos.

A pele macia,
o vento passa por mim,
me acaricia.

Andar sem destino
é um viver triste, indeciso,
deste peregrino.

Quem confia em Deus
colherá frutos e flores
nos caminhos seus.

A fé irradia
no coração de quem ama
muita alegria.

Ponha em sua mão
algum dinheiro que sobra
e ajude um irmão.

Jesus ensinou:
quem ama seu semelhante,
o Céu já ganhou.

Como as andorinhas,
vou percorrendo os espaços
pela orla marinha.

A música acalma,
nos leva em delírios suaves,
penetra na alma.

O homem que mente
carregará nesta vida
o medo presente.

A justiça Divina
Protege os injustiçados.
É a Santa Doutrina. **T**



ISSN 2447-438X

